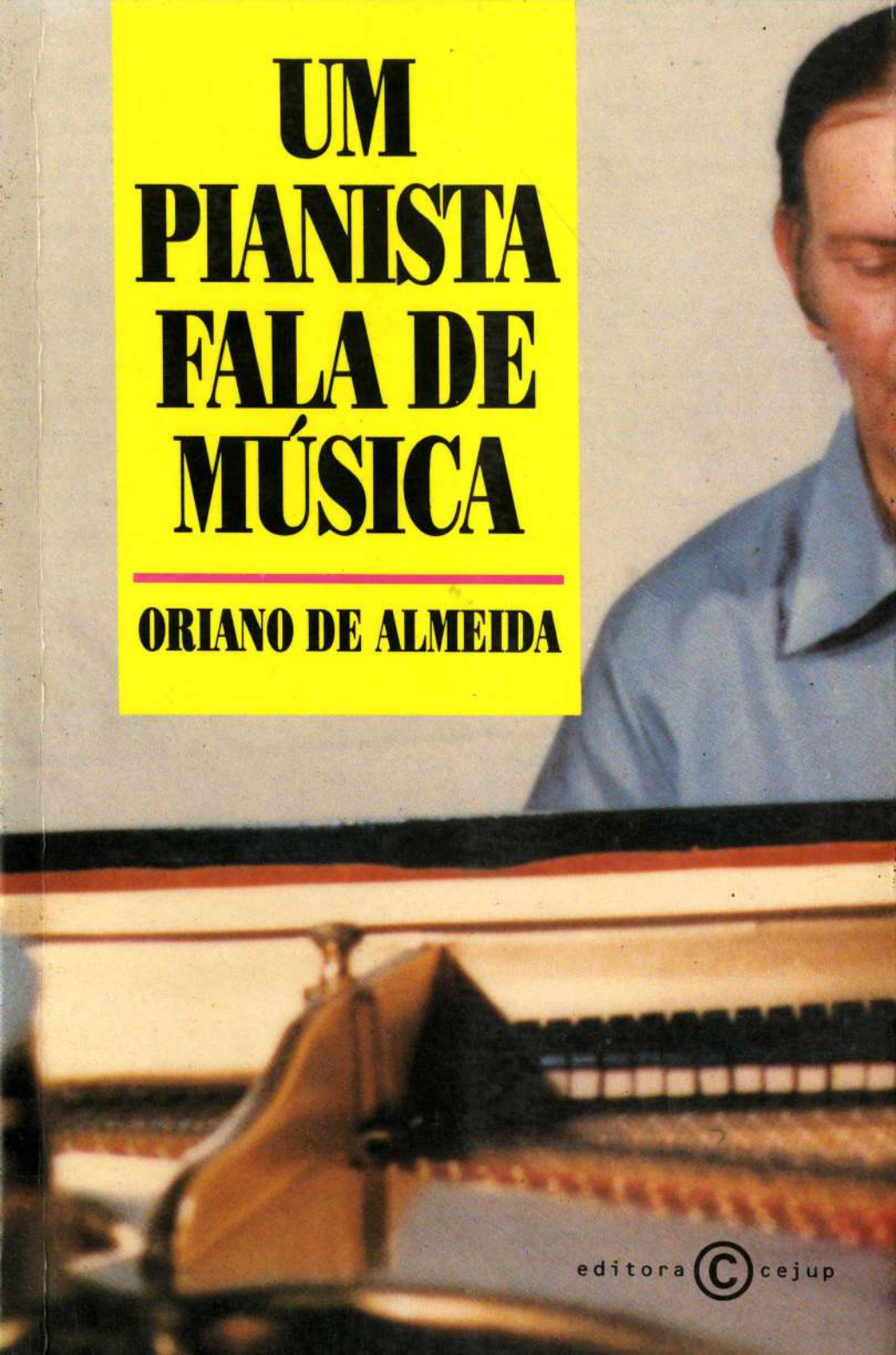
UM PIANISTA FALA DE MÚSICA

ORIANO DE ALMEIDA



editora cejup

Mergulhando nas ondas longitudinais da sempre apaixonante música clássica, do piano à ópera, o paraense de Belém do Pará Oriano de Almeida compôs, com este livro, o que na física se chama som fundamental, o qual, numa sequência de sons harmônicos, é o mais grave e cuja frequência é um divisor da frequência de todos os outros. E, de todos os sons que vibraram por meio de seus toques capitosos, este seu livro, *Um Pianista Fala de Música*, é o único que não tomou a via ouvido-coração para apaixonar. Isso é lógica, afinal. Contudo, o eco existente após a leitura destas páginas é sinônimo de prazer para o aficionado de música crudita de grandes nomes, homens e mulheres, certeza de encontrar fragmentos preciosos de suas vidas e garantia de uma boa viagem entre curiosos comentários sobre composições de titãs como Beethoven, Mozart, Chopin, Liszt, Paganini, Paderewski, Rubinstein, Eryk Satic, Vivaldi, Bach, Mendelssohn e muitos outros desta constelação, inclusive notáveis brasileiros.

Já tendo sido aluno da brasileira Madalena Tagliaferro, embaixadora da música como ele mesmo diz, Oriano de Almeida reside em Natal e Rio de Janeiro. Igualmente embaixador ao piano, viajadíssimo pela América do Sul, Europa e Estados Unidos, Oriano é pródigo em colecionar títulos e prêmios.

No extinto programa "O Céu É o

UM PIANISTA FALA DE MÚSICA

OFERTA
DO
Instituto Histórico e
Geográfico
do Rio Grande do Norte

OFERTA
DO
Instituto Histórico e
Geográfico
do Rio Grande do Norte

Labim/UFRN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Oriano de.
Um pianista fala de música / Oriano de Almeida. — Belém : Cejup, 1996.

ISBN 85-338-0036-3

142 p.

1. Música — Apreciação I. Título.

91-2133

CDD-780.15
-780.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Música : Análise e apreciação 780.15
2. Música : Apreciação e crítica 780.9

ORIANO DE ALMEIDA

UM PIANISTA FALA DE MÚSICA

editora cejup

Labim/UFRN

EDITORA AFILIADA

Editores: Gengis Freire e Ana Rosa Cal Freire
Capa: Genildo Mota
Editoração Eletrônica: Hamilton Silva
Direitos Reservados

Composto e impresso na Graficentro Gráfica e Editora Ltda.
Rua Tiradentes, 392
Distribuído por Editora Cejup
Pedidos pelo reembolso postal para
Editora Cejup

Belém
Trav. Rui Barbosa, 726 — Fone: (091) 225-0355 (PABX)
Caixa Postal 1.804 — Telex: 2852 — Fax: 241-3184
CEP 66053-260 — Belém - Pará

São Paulo
Alameda Campinas, 20
Fone/Fax: (011) 288-2794/284-4263
CEP 01404-000 — São Paulo - SP

A
Lilian, Thomas, Nicolas e Lucas Provençal

Labim/UFRN

O título — *Um Pianista Fala de Música* — reúne a seleção de sessenta *scripts* de programas comentados e interpretados pelo pianista Oriano de Almeida para os ouvintes da Rádio MEC — de 1960 a 1980 — Rio de Janeiro.

Ciclo Chopin
Variações novas para velhos temas
Improviso
"Um Pianista Fala de Música"
Tudo bem!
Um polonês chamado Chopin
Paris — nos tempos de Debussy

Labim/UFRN

PREFÁCIO

Oriano de Almeida, nascido em Belém do Pará, ainda criança foi levado para Natal, RN, onde, sob orientação de seu padrinho, pianista Waldemar de Almeida, encontrou a Arte que o havia de levar aos píncaros da consagração musical.

Fui conhecê-lo no Rio de Janeiro, quando ele freqüentava o Curso de Interpretação, ministrado pela admirável Mestra e amiga Magdalena Tagliaferro, que o considerava afetuosamente o primus inter pares *dos jovens pianistas brasileiros. Isto porque, com simplicidade e talento, Orianne (como foi batizado) se sobressaía em todas as audições, nas quais exibia insuperável técnica e inimitável* toucher.

O sucesso alcançado no IV Concurso Internacional Chopin, realizado em Varsóvia em 1949, permitiu-lhe excursionar por outros países europeus e, posteriormente, pelos Estados Unidos, onde logrou universal renome.

Muito embora eu e Mara nos mantivéssemos por algum tempo em breves turnês, nunca perdemos oportunidade de abraçar e aplaudir o nosso insigne conterrâneo de volta ao Rio. Preparamos juntos, eu e ele, algumas canções que mais tarde seriam gravadas pela nossa extraordinária Maria Helena Coelho Cardoso. Finalmente, em 1966, vim para Belém, onde permaneço até hoje, enquanto Oriano radicou-se em Natal.

A saudade alicerçou nossa amizade e nos deixou fiéis aos bons momentos vividos aqui, ali e acolá.

O intérprete consagrado de Chopin surpreende-nos agora como homem de letras, enfeixando no presente volume uma sé-

Labim/UFRN

rie de saborosas crônicas onde desfilam Mozart, Telemann, Bela Bartok, Paganini, Herbert Von Karajan, Rameau, Paderewski, Liszt, Rachmaninov e outros grandes nomes ligados ou não à Música.

São páginas escritas em linguagem pitoresca e cheia de cor por alguém que, vitorioso como pianista e glorificado como intérprete, demonstra que também reúne condições de assumir um posto de relevo em nossa literatura.

Alcott dizia que "um bom livro é aquele que se abre com desejo e que se fecha com aproveitamento".

Um Pianista Fala de Música, *de Oriano de Almeida, está seguramente entre esses.*

Waldemar Henrique

SUMÁRIO

Prefácio 9
Um raro cidadão totalmente livre 13
Quando se é exímio 15
Produção em massa 17
O reverendo que não parava de escrever música 19
Feliz Mendelssohn 21
O mestre aluno dos anjos 23
Pastores aristocratas 25
Em ritmo de Rio-Paris-Rio 27
Seis músicos franceses 29
Nobres e compositores 33
Três prima-donas 35
A pianista... *modelo* 37
Um pouco de bom humor (1) 38
Canções do Canadá 41
O *francês* que é espanhol 43
"Erros infantis"? 45
Música em Portugal 47
O prestígio da velocidade 50
Uma suíte sinfônica russa 52
Montagnana, Mendelssohn e Parisot 54
Canções de Chopin 56
Paciência e habilidade preservaram interpretações 58
O Belo *Danúbio Azul* 60
Histórias de cicerones 63
Lei de compensação 66
Contraste 67
O pianista lendário 68
Mahalia Jackson 71
Os Smith e os Silva 72
Partituras *submersas* 75
Um violinista *queimado* 77
Os precoces 78

Labim/UFRN

Breve perfil 80
O ídolo 82
O belo sexo na Música 84
Invenções de um jornalista 88
Músicos *fraternos* 90
Inflação operística 92
Um pouco de bom humor (2) 94
Os mágicos 96
Pianistas em desfile 98
O pobre e o rico 102
Um polonês chamado Chopin 103
Variações novas para velhos temas (1) 105
Os *connaisseurs* 108
Divulgação musical 110
Entrevista 113
Pérola *brasileira* 116
Variações novas para velhos temas (2) 118
Mudanças e... *mudanças* 120
Pequenos enganos 123
Hinos 125
Sonata e noivado 127
Quinteto e ciúme 129
Para melhorar de sorte 131
Alunos de Chopin 133
Variações novas para velhos temas (3) 135
Em vez de guilhotina... o Panthéon 138
Antigo sarau 140
O titã surdo 141

UM RARO CIDADÃO TOTALMENTE LIVRE

Musas humoristas ditavam sons para um cidadão francês que vivia em Paris na "belle époque" — a bela época dos últimos anos 1800 aos primeiros 1900.

E divertindo-se com os sons estranhos que lhe ditavam as musas humoristas, ele cuidava de passá-los para o papel pautado, nas horas de folga em que não estava tocando o piano para animar os freqüentadores do café-concerto Le Chat Noir — O Gato Preto.

O cidadão francês chamado Eryk Satie gostava de batizar os sons estranhos de sua música com títulos também um tanto estranhos. A uma de suas peças deu o nome de "O Turco Tirolês". A outra chamou "A Dança Magra". E a uma terceira... "Em Traje de Cavalo".

O talento musical de Eryk Satie inclinava-se para o ridículo e grotesco. Ele era extravagante, tímido e original. O seu guarda-chuva torto e esburacado tornou-se o símbolo de sua personalidade indiferente à fama, ao sucesso ou à fortuna.

Diziam os amigos que ele se recusava a ser levado a sério e mesmo admitir que fosse compositor. Ora!... Que o deixassem em paz, tocando o seu *pianinho* no Gato Preto, morando na sua mansarda de onde podia avistar as pás do Moulin Rouge girando na alegria luminosa de Montmartre, mesmo que muitas vezes não tivesse uma simples cama para dormir naquela sua bem-amada mansarda...

Enquanto as musas humoristas não o abandonassem, para o boêmio Eryk Satie estava tudo bem!

— Isto é o que eu sou — definiu-se ele mesmo. — Pergunte

Labim/UFRN

a alguém, e também lhe dirá que não sou músico. Isto é absolutamente exato. Desde que comecei minha carreira, tenho sido um fonômetro-grafista! Por isso eu sei que um fá sustenido pode pesar até... 93 quilos! Isso acontece, por exemplo, quando é um gordo tenor que canta o tal fá sustenido!

Numa carta a sua amiga Valentine Hugo, escreveu Satie, em 1917:

"Estou livre! Livre como o ar, livre como a água! Estou livre, absolutamente livre! Que alegria!"

Indiferente ao dinheiro, ao conforto, ao próprio talento, não era porém vacinado contra fulminantes epidemias amorosas.

Debussy gostava da companhia de Eryk Satie e certa noite foi encontrá-lo no café-concerto, em estado de desespero total.

— Biguy me abandonou — anunciou-lhe Satie em tom cavernoso e olhos marejados de lágrimas. — Agora ela se foi para sempre! — concluiu, com um suspiro de derrota, tirando o pincenê para enxugar uma lágrima que lhe escorria pela barba. — Vou enforcar-me assim que acabar de escrever meu *ballet!*

— E quanto tempo acha que ainda levará? — perguntou Debussy assustado.

— Não sei... dois ou três anos... — respondeu Satie.

Debussy respirou tranqüilizado.

A fatal Biguy, objeto da paixão de Eryk Satie, era Suzanne Valadon, pitoresca personagem de Montmartre, artista, pintora, mãe do jovem Maurice Utrillo, ele também um dos expoentes da escola impressionista na pintura francesa.

Eryk Satie era um brincalhão incorrigível, e disse certa vez:

— Michelin declarou os animais como nossos irmãos inferiores, quer dizer, o homem é um irmão superior do animal. Bem, mas nós não temos a opinião de um animal sobre o assunto... Alguns animais são referidos como domésticos. Por quê? Eu não sei! Pintores e escultores muitas vezes têm pintado e esculpido animais. De sua parte, os animais ignoram totalmente as artes plásticas. Não conhecemos pinturas ou esculturas feitas pelos animais. Por outro lado, são atraídos pela música e arquitetura porque muitos deles sabem cantar e podem construir suas casas.

QUANDO SE É EXÍMIO

O toque de trompete lembra o verão... ou a primavera! Partidas de caça em florestas festivas, carruagens transpondo belos portões de ferro, dando entrada em pátios de belos palácios onde a realeza se diverte entre bandeiras e flâmulas coloridas. E quando é soprado com maestria, muitas coisas mais pode revelar o som de um trompete, inclusive intensa beleza.

Em nossos dias não há dúvida de que Maurice André é exímio maestro do trompete. Talvez o mais exímio.

Ele nasceu numa cidadezinha do sul da França, estudou no Conservatório de Paris, ganhou vários prêmios, começou a fazer sucesso e, a partir de então, com seus quase noventa quilos e a fisionomia sorridente de quem venceu na profissão, não tem mais a fazer que pôr em forma de balão cheio de ar as suas preciosas bochechas e soprar com maestria o seu trompete. Quanto a isso todos proclamam e estão de pleno acordo de que ele o faz, de fato, absolutamente bem!... Achando porém que com o seu enorme peso acumulado na cintura, parece às vezes mais um volumoso cantor de ópera do que um simples trompetista.

Quando a maestria de Maurice André vem aliada à precisão sutil da batuta de Herbert von Karajan, à virtuosidade dos músicos da Filarmônica de Berlim e ainda ao encanto amável da música de Mozart, o ritmo flutua; trompetista, regente e orquestra também parecem flutuar, mal pisam nas esferas terrestres, caminhando pelos páramos da euforia musical, como em flocos de algodão ou... como dizem por aí... sobre um mar de pétalas de rosas!...

Labim/UFRN

E por falar em trompete, o compositor Telemann, alemão do século XVIII, além da Música também se interessava pela Botânica, e até certa vez o próprio Haendel (o solene Haendel) enviou-lhe de Londres para Hamburgo, aos cuidados do capitão de um navio, amigo de ambos, algumas mudas de plantas raras.

Mas além das plantas, Telemann também gostava do som do trompete, compondo para este instrumento um belíssimo Concerto com acompanhamento orquestral, não muito longo e dividido em quatro andamentos que se alternam: devagar — depressa — devagar — depressa.

PRODUÇÃO EM MASSA

Mais de 1000 peças musicais! Parece um número astronômico, mas o cidadão vienense Karl Czerny compôs isso mesmo: mais de 1000 peças musicais.

Na verdade entre elas estão as centenas de seus famosíssimos "estudos". Qual o estudante de piano por esse mundo afora que não conhece os estudos de Czerny? Velocidade, agilidade, arpejos, escalas, *staccatos, legatos*, acordes, em suma, todos os problemas técnicos pianísticos foram abordados pelo respeitável professor e cidadão vienense Karl Czerny. Ele até poderia ter sido um famoso concertista, mas só achava graça na vida quando estava descobrindo e inventando uma nova fórmula capaz de resolver um complicado problema técnico dos pianistas.

Foi o professor do menino Franz Liszt, que se tornaria depois o maior pianista de seu tempo.

Certa manhã de primavera vienense, o menino Franz ao terminar de tocar todo um volume de "estudos", ficou à espera da opinião do professor Czerny. Este, imperturbável, fumando o seu cachimbo diante da janela envidraçada enquanto olhava lá fora as belezas primaveris, disse simplesmente:

— Toque de novo, Franz! Não ouvi absolutamente nada do que você acaba de tocar!

Também imperturbável, o menino Liszt voltou à primeira página e repetiu todos os "estudos" do volume.

Bem, aquele devia ser o método muito especial do professor Czerny de testar a resistência do seu excepcional aluno.

Lembre-se que antes de ser professor de Liszt, havia sido du-

Labim/UFRN

E imaginamos que, mesmo antes de chegar a carta a Ferrara, onde o marquês Bentivoglio possuía o seu belíssimo castelo, Vivaldi já teria terminado de compor mais um de seus concertos para bandolim e conjunto de cordas.

Ele nasceu em 1675 e sua música sobrevive há três séculos — sempre atuante, presente e dinâmica.

Trompete, cravo, bandolim, todos os instrumentos interessavam a Vivaldi. Mas, sendo exímio violinista, era com o violino que mais se identificava e podia expandir a criatividade de modo pleno e genial. Tanto que, na maioria de suas peças, o violino reina como instrumento sem rival.

FELIZ MENDELSSOHN

Nos anos 1820 — 1830 havia um belo palácio situado em ampla avenida da cidade de Berlim — o número 3 da Leipzigstrasse.

O edifício principal consistia de 42 quartos, estupendo vestíbulo com colunas de pórfiro verde, larga escadaria de mármore, sala de jantar com espaço para 100 convivas, e mais a sala de música e o imenso salão para festas e bailes.

A imponente mansão poderia alojar toda uma aldeia e requeria um pequeno exército de criados, cozinheiras, copeiras, mordomos, jardineiros e cocheiros. Era reconhecida como a residência particular mais opulenta de Berlim, e pertencia ao banqueiro Abraham Mendelssohn, pai de Felix Mendelssohn, jovem compositor privilegiado duas vezes: pela fortuna e pelo talento, que aos treze anos já sabia compor sinfonias.

Atapetado por sete acres de grama, o jardim da mansão era ornado de canteiros de flores, repuxos e estátuas antigas. Havia um abrigo para pássaros, um bosque, um teatro e até um pequeno Observatório. Nos domingos ensolarados do verão eram programadas audições musicais no enorme pavilhão em presença de 200 convidados e com a participação de uma orquestra profissional alugada especialmente para a ocasião.

Nesse ambiente de luxo, beleza, amabilidade e conforto movia-se o jovem Felix, entre cintilantes candelabros, criados de libré, suntuosas carruagens, castiçais de prata, cristais, passatempos, risos, flores e danças.

E ele possuía ainda a faculdade fenomenal, quase assustadora de total concentração, que lhe permitia o sucesso sem aparente

Labim/UFRN

esforço. Casualmente, como se brincasse, aprendeu seis línguas estrangeiras. Passou com brilhantismo nos exames da Universidade de Berlim. E o próprio Hegel disse-lhe certa vez que se não quisesse ser músico poderia tornar-se facilmente grande jurista.

Com tudo isso, Felix Mendelssohn ainda encontrava tempo para ler e assimilar as obras-primas da literatura antiga e a de seu tempo.

Para completar os dons com que lhe favoreceram os deuses, montava a cavalo, esquiava, nadava, vencia o pai no jogo de xadrez e era ainda considerado campeão no bilhar.

Feliz Mendelssohn!

Dançava maravilhosamente, usava roupas elegantíssimas, era um apaixonado das belas mulheres, fazia a sua música leve e transparente como a primavera.

Na grande maioria dos dias de sua vida deve ter sido mesmo um homem feliz.

Morreu muito moço — aos 38 anos de idade.

O MESTRE ALUNO DOS ANJOS

Bach — sinônimo em Música de... ritmo, ordem, equilíbrio, simplicidade, paz, disciplina, elevação, beleza pura.

Tudo isso era Johann Sebastian Bach no século XVIII, notável organista, notável cravista, notável compositor e... notável pai de vinte filhos!

Podia contar anedotas e sacudir os ombros largos com o riso franco.

Podia até fazer versos inspirados no seu longo e enorme cachimbo que pendia do gancho sobre a lareira.

Era um homem simples, que também tinha o direito de ficar furioso... e quase sempre por causa da própria Música. Certa vez chegou a atirar a cabeleira postiça contra o organista porque estava tocando fora do compasso.

Aparentemente, vivia como qualquer músico pobre do século XVIII — copiando manuscritos à noite, lutando pelo sustento aqui e ali, tocando o órgão nas igrejas das pequenas cidades, encrencando com o sacristão, dando lições de viola ou clavicórdio, entrando para o serviço de algum duque rico, tocando aos domingos durante os ofícios religiosos na capela do castelo, regendo a pequena orquestra quando Sua Alteza dava recepção ou baile.

Assim era a vida de Johann Sebastian Bach.

Sabia que nunca seria rico ou famoso, mas à noite ele vinha para o jardim do castelo a fim de olhar as estrelas, sentir a plenitude do Universo e quanto a sua vida era tranqüila, intensa, alegre!

Labim/UFRN

Sabia então que estava vivendo por algum motivo, para realizar algo de grandioso e eterno.

Não. Não era nenhum anjo Johann Sebastian Bach, mas podia compor a música que lhe ditavam os anjos...

PASTORES ARISTOCRATAS

Os anos 1700, século XVIII. O palácio de Versalhes, Luís XV. Sob alguns aspectos, bons tempos seriam esses, quando nobres usavam perucas brancas, punhos rendados e sapatos de salto alto... Mas também gostavam de vestir-se como os pastores, para melhor usufruírem os encantos e alegrias da vida nos campos.

E assim vestidos lá iam príncipes e princesas, condes e condessas, duques e duquesas pelos vales e colinas, cantando e rindo ao som de seus instrumentos favoritos — violas, violinos, flautas e vielas. À sombra das ramagens ou à margem dos regatos, por veredas e vergéis, soava a música em tom tranqüilo, campestre, pastoral.

E do mesmo modo como tinha feito música solene para as bodas de Luís XV, o veneziano Antonio Vivaldi, com o mesmo talento e espontaneidade, também fez música encomendada para aqueles inocentes passatempos aristocráticos.

O próprio título que deu Vivaldi a esta série de pequenas sonatas — *O pastor Fido* — sugere a finalidade para a qual foram compostas.

Luís XV e seus cortesãos concorriam entre si como participantes de óperas pastorais e bailados relacionados com a vida aprazível das ninfas e pastores.

Sua consorte, rainha Maria Laczinska e as duas filhas, princesas Henriette e Adelaide, eram exímias executantes do instrumento em grande moda na época chamado "viela", de som tranqüilo e doce, vibrado nas cordas por uma pequena roda acionada por manivela.

Labim/UFRN

Muitas vezes a música era apenas o pretexto supérfluo mas indispensável para acompanhar banquetes e recepções na corte, ou mesmo para ser tocada durante as conversas de salão.

Devia ser marcada, principalmente, pela graça e elegância. Quando muito, poderia ter um levíssimo toque de melancolia... amável e sentimental.

EM RITMO DE RIO-PARIS-RIO

Figura artística das mais eminentes de nossos dias — Madalena Tagliaferro — assim é o seu nome para os brasileiros, *Magdá Tagliaferrô* para os franceses. Nasceu em Petrópolis e, divagando liricamente, poderíamos atribuir às hortênsias daquele paraíso serrano a poesia que emana de seu fraseado e sonoridade...

A julgar pelos retratos, Madalena era uma jovem encantadora aos treze anos quando conquistou o prêmio máximo do Conservatório de Paris. Gabriel Fauré e Alfred Cortot reconheceram seu talento excepcional, e desde então sua vida tem sido uma ascensão fascinante e vitoriosa, dividindo seu coração entre as duas pátrias.

Ela tem o privilégio, concedido a raros mortais, de morar em duas cidades das mais interessantes do mundo: Paris e Rio de Janeiro. Seis meses lá, olhando a Torre Eiffel... seis meses cá, olhando o Pão de Açúcar.

Na verdade, já não saberia responder se gosta mais do Brasil ou da França. Entretanto, dá resposta convincente de seu amor pelos dois países, quando reparte sua experiência musical com dezenas de jovens franceses e brasileiros que buscam os seus ensinamentos em Paris, Nice, Salzburgo, São Paulo ou Rio de Janeiro.

Num encontro em aeroporto, lépida e fagueira depois da travessia atlântica a jato, Madalena Tagliaferro confessava só ter dormido três horas cada noite naquelas últimas seis semanas, assoberbada pelo seu Curso de Interpretação de Paris, no qual participaram pianistas vindos de todos os recantos da Europa (diga-se de passagem que seus alunos têm sido premiados no Curso de Verão no Mozarteum, em Salzburgo...)

Labim/UFRN

Seu dinamismo é considerado por muitos verdadeiro milagre. Há alguns anos, atropelada por uma bicicleta em Copacabana, mesmo assim não transferiu a apresentação marcada para o dia seguinte no Teatro Municipal, recebendo verdadeira consagração do público ao interpretar o *Quinto Concerto* de Saint Saëns, sob a regência de Francisco Mignone.

Madalena Tagliaferro gravou este concerto, com a orquestra Lamoureux de Paris, tendo Jean Fourner como seu maestro-regente.

"Luz e Sombra" é o título sugestivo de um *long-play* gravado em Paris pela eminente pianista, que reúne seleção expressiva de música espanhola e brasileira. Suas interpretações neste LP valorizam a beleza perene de páginas célebres, assinalando detalhes que ainda podem constituir surpresa e encantamento musical para os ouvintes, como por exemplo na *Dança Espanhola* número 2 *(Oriental)*, de Enrique Granados.

Temperamento versátil, Madalena Tagliaferro é particularmente incomparável na autenticidade com que sublinha os ritmos hispânicos, mantendo sob elã contínuo os traços de impaciência, vitalidade e alegria de que vem impregnada a música da terra de Manoel de Falla. Em *Triana*, de Albeniz, destaca-se maestria rítmica, propriedade dos acentos expressivos, vivacidade do colorido, domínio e clareza com que expõe os complicados desenhos da partitura.

Madalena Tagliaferro tem contribuído de maneira intensiva para a maior divulgação da obra pianística de nossos melhores compositores, através dos seus inúmeros recitais em todo o mundo.

Várias peças de Villa Lobos foram gravadas por esta autêntica embaixadora da Música.

SEIS MÚSICOS FRANCESES

I

Jean-Marie Leclair — nascido em Lyon, 67 anos de música, entre Turim e Paris no século XVIII.

A princípio quis ser bailarino. E assim chegou um dia a Turim, aos 25 anos de idade. Ali o jovem Leclair descobriu que tinha maior talento nas mãos para tocar violino do que nos pés para dançar. Em pouco tempo estreava como violinista em Paris.

E a partir de então nunca mais pensou em ser dançarino.

Pobre Leclair! Parece que provou em vida um pouco o sabor da glória, mas... teve morte *inglória* e misteriosa. Por motivos desconhecidos foi assassinado.

II

Contam os biógrafos que Camille Saint Saëns aos dois anos já reconhecia perfeitamente as notas da escala, porque estava habituado a ouvir as canções que sua mãe cantarolava para o embalar.

Este fato poderia parecer um tanto inacreditável, se a precocidade do compositor não tivesse ficado assinalada depois, aos dez anos, quando tocou pela primeira vez em público. E também aos dezesseis, ocasião em que fez executar na Sociedade Santa Cecília a sua primeira sinfonia. Logo no início da vida artística, muito jovem ainda, celebrizou-se com seus "poemas sinfônicos", e entre estes, o que lhe deu maior popularidade e renome universal — *Dança Macabra.*

Labim/UFRN

Vivendo nada menos que 87 anos, de 1835 a 1922, Saint Saëns atravessou os períodos áureos do Romantismo e do Impressionismo. Contemporâneo de Liszt, Berlioz, Brahms, Ravel, sobrevivendo mesmo a Debussy, é natural que sua imensa bagagem musical acuse sensível diversidade de estilos, se bem que nunca tenha se apartado inteiramente da disciplina, elegância e clareza da escola clássica.

E a música de Saint Saëns é atraente justamente porque se expressa numa linguagem amável, sem complicação erudita, sem estabelecer barreira com os ouvintes, facilmente compreendida e admirada por todos.

É o caso de seus Concertos para piano e orquestra, tão plenos de interesse, vivacidade e espírito, onde se revela não só a fantasia criadora do autor, como também a admirável cultura musical e o conhecimento extraordinário das possibilidades virtuosísticas do instrumento solista.

III

Ambroise Thomas foi o primeiro músico a receber em 1845 uma condecoração da Legião de Honra. E em 1868, ano da estréia em Paris de sua ópera *Hamlet*, essa condecoração foi mais uma vez elevada ao grau de comendador. A França rendia assim homenagem a um de seus compositores mais ilustres naquele período áureo do pós-romantismo musical.

Outro período magnificente da música francesa tinha sido o dos célebres cravistas Daquin, Couperin e Rameau. Mas já iam distantes aqueles tempos de Luís XIV e Luís XV. Depois de Ambroise Thomas, na segunda metade do século XIX, surgia uma nova geração de compositores, tais como Chabrier, D'Indy, Bizet, Maurice Emmanuel.

Ambroise Thomas compôs muitas óperas: *Raimundo, Romance de Elvira, Carnaval de Veneza,* mas sua fama é devida, principalmente, a duas óperas que sempre alcançaram grande êxito: *Mignon* e *Hamlet.*

IV

A notoriedade do compositor francês Georges Bizet também é devida a duas famosas óperas: *Carmen* e *Pescador de Pérolas.* Sua contribuição para o repertório pianístico é reduzida e está relegada a segundo plano, quase completamente esquecida.

O célebre pianista português Viana da Motta foi um dos últimos intérpretes a se interessar pelas peças para piano de Bizet. Hoje em dia é um tanto raro vê-las incluídas no programa de algum recitalista.

Foi em 1868 que Georges Bizet escreveu as *Variações Cromáticas*, para piano. Nesse período, além de compor uma sinfonia e completar a ópera *Noé*, que seu mestre Halevy não tivera tempo de concluir, Bizet sentiu-se particularmente atraído pela música instrumental, não somente pelo fato de estar preparando no momento uma redução para piano das partituras das óperas *Hamlet* e *Mignon*, de Ambroise Thomas, como também porque ele era um excelente pianista, se bem que não fizesse alarde de suas qualidades de *virtuose* e nunca promovesse uma oportunidade de ser ouvido em público.

Ao terminar a composição das *Variações Cromáticas*, Bizet declarou-se plenamente satisfeito com seu trabalho, que ele próprio considerava um tanto audacioso. O tema, constituído de uma simples escala cromática ascendente e descendente, dá motivo às brilhantes variações.

V

Outro compositor francês raramente presente nos programas atuais dos pianistas é Maurice Emmanuel.

A importância deste musicista de grande cultura deriva principalmente do fato de ter sido um dos primeiros compositores de fins do século passado a compreender as vantagens de que a música francesa poderia se beneficiar com a utilização das fontes folclóricas tradicionais.

Maurice Emmanuel é o primeiro a redescobrir os antigos modos conservados pela tradição popular, utilizando-os como base

Labim/UFRN

principal de sua música. Assim é o caso da *Sonatina Borgonhesa*, inspirada nos velhos carrilhões de três e quatro notas da "Igreja de Notre Dame de Beaune" (catedral de Dijon), e nas danças regionais da Borgonha na época das vindimas.

VI

Há vinte ou trinta anos as harmonias de Debussy ainda poderiam ser consideradas um tanto estranhas, exóticas, dissonantes aos ouvidos mais inclinados para o sereno classicismo de Mozart ou o doce enlevo dos românticos.

Hoje, naturalmente, depois de experiências mais ousadas de Hindemith, Stravinsky, Prokofiev, atonalistas e vanguardistas, até Boulez, Stockhausen, e todos os inovadores contemporâneos, a música do genial compositor francês tornou-se mais acessível, soando com aparência familiar, fluídica, encantadora.

E aqueles ouvidos mais inclinados para o sereno classicismo de Mozart e o doce enlevo dos inspirados românticos, já aceitam com maior naturalidade os acordes de sétimas, as sucessões de segundas maiores na melodia, as apogiaturas sem resolução, a combinação de modalidades gregas e orientais que provocaram tanta discussão no passado, para se deixarem tão-somente embalar pela magia que evola das sonoridades transparentes debussynianas, a evocarem o murmúrio da brisa, a claridade da lua, o sussurro da chuva, os reflexos e impressões sugestivas de cor e poesia.

Para o amante de música, ouvir Debussy é momento propício de viagem amena pelas tranqüilas regiões da fantasia, de comunhão serena com os murmúrios da Natureza. Murmúrios que o compositor insistiu em transpor para a pauta, mesmo sabendo que os seus contemporâneos ainda levariam muito tempo até compreender sua genial mensagem.

NOBRES E COMPOSITORES

Muitos nobres foram grandes incentivadores da Arte e favoreceram com sua proteção os maiores gênios da Música.

Luís II, rei da Baviera, amigo e admirador de Wagner, mandou construir especialmente um teatro, na cidade de Bayreuth, para a representação das óperas wagnerianas.

Pedro I, imperador do Brasil, era musicista e protegia os artistas. Aluno de José Maurício e de Marcos Portugal, o imperador compôs várias missas, o Hino da Independência, o Hino da Carta, e mesmo uma ópera em português, que foi representada em Paris, no Teatro dos Italianos, em 1832.

Luís XIII, rei de França, chamado "o Justo", foi também compositor inspirado de canções, dentre as quais atingiu notoriedade universal — *Amarylis*.

Jean-Baptiste Lully, excelente músico do século XVII, conseguiu as boas graças de Luís XIV escrevendo algumas árias para violino que agradaram ao monarca. Lully passou então a ser o artista favorito da corte, dirigindo a grande banda real e ensinando música aos jovens palacianos.

Os historiadores da Música não pintam de cores muito favoráveis o caráter de Lully. Dizem que ele era astuto, hipócrita, egoísta. Não admitia que seus companheiros brilhassem. E enquanto viveu, provavelmente temendo a concorrência, não permitiu que nenhum músico tivesse oportunidade de aparecer na Ópera, da qual era o diretor.

É possível haver um pouco de exagero nesses aspectos desfavoráveis ao lado humano do compositor, mas é certo que um

Labim/UFRN

principal de sua música. Assim é o caso da *Sonatina Borgonhesa*, inspirada nos velhos carrilhões de três e quatro notas da "Igreja de Notre Dame de Beaune" (catedral de Dijon), e nas danças regionais da Borgonha na época das vindimas.

VI

Há vinte ou trinta anos as harmonias de Debussy ainda poderiam ser consideradas um tanto estranhas, exóticas, dissonantes aos ouvidos mais inclinados para o sereno classicismo de Mozart ou o doce enlevo dos românticos.

Hoje, naturalmente, depois de experiências mais ousadas de Hindemith, Stravinsky, Prokofiev, atonalistas e vanguardistas, até Boulez, Stockhausen, e todos os inovadores contemporâneos, a música do genial compositor francês tornou-se mais acessível, soando com aparência familiar, fluídica, encantadora.

E aqueles ouvidos mais inclinados para o sereno classicismo de Mozart e o doce enlevo dos inspirados românticos, já aceitam com maior naturalidade os acordes de sétimas, as sucessões de segundas maiores na melodia, as apogiaturas sem resolução, a combinação de modalidades gregas e orientais que provocaram tanta discussão no passado, para se deixarem tão-somente embalar pela magia que evola das sonoridades transparentes debussynianas, a evocarem o murmúrio da brisa, a claridade da lua, o sussurro da chuva, os reflexos e impressões sugestivas de cor e poesia.

Para o amante de música, ouvir Debussy é momento propício de viagem amena pelas tranqüilas regiões da fantasia, de comunhão serena com os murmúrios da Natureza. Murmúrios que o compositor insistiu em transpor para a pauta, mesmo sabendo que os seus contemporâneos ainda levariam muito tempo até compreender sua genial mensagem.

Labim/UFRN

NOBRES E COMPOSITORES

Muitos nobres foram grandes incentivadores da Arte e favoreceram com sua proteção os maiores gênios da Música.

Luís II, rei da Baviera, amigo e admirador de Wagner, mandou construir especialmente um teatro, na cidade de Bayreuth, para a representação das óperas wagnerianas.

Pedro I, imperador do Brasil, era musicista e protegia os artistas. Aluno de José Maurício e de Marcos Portugal, o imperador compôs várias missas, o Hino da Independência, o Hino da Carta, e mesmo uma ópera em português, que foi representada em Paris, no Teatro dos Italianos, em 1832.

Luís XIII, rei de França, chamado "o Justo", foi também compositor inspirado de canções, dentre as quais atingiu notoriedade universal — *Amarylis.*

Jean-Baptiste Lully, excelente músico do século XVII, conseguiu as boas graças de Luís XIV escrevendo algumas árias para violino que agradaram ao monarca. Lully passou então a ser o artista favorito da corte, dirigindo a grande banda real e ensinando música aos jovens palacianos.

Os historiadores da Música não pintam de cores muito favoráveis o caráter de Lully. Dizem que ele era astuto, hipócrita, egoísta. Não admitia que seus companheiros brilhassem. E enquanto viveu, provavelmente temendo a concorrência, não permitiu que nenhum músico tivesse oportunidade de aparecer na Ópera, da qual era o diretor.

É possível haver um pouco de exagero nesses aspectos desfavoráveis ao lado humano do compositor, mas é certo que um

Labim/UFRN

dia, num acesso de mau gênio enquanto dirigia o ensaio da orquestra, batendo furiosamente no chão com o pesado bastão que naquela época era usado para marcar o compasso, levou tão forte estocada no pé, que lhe custou a própria vida. O ferimento infeccionou e, quinze dias depois, ele morreu.

Aliás, a música de Lully nada reflete de seu temperamento possesso e furioso. Ao contrário; é serena, tranqüila, inocente, como todo aquele classicismo do século XVII.

Luigi Boccherini, excelente violoncelista e compositor italiano, nasceu em Lucca no ano de 1743, morrendo em Madri a 28 de março de 1805.

Como Haydn e Mozart, foi Boccherini um dos grandes mestres da música de câmera. Esteve muito tempo em Roma e Paris, onde escreveu vários trios, quartetos e sonatas.

Em Madri foi músico da corte e amigo de D. Luís, irmão de Carlos II.

Menos afortunado nos reinados de Carlos III e Carlos IV de Espanha, procurou melhor sorte na Prússia, aí encontrando a proteção de Frederico Guilherme II.

Infelizmente as proteções reais não duraram sempre e muitas penúrias teve Boccherini de enfrentar até o fim de sua vida. Escreveu cerca de 370 trabalhos de música de câmera. O *Stabat Mater* é a peça que domina sua produção sacra.

Boccherini celebrizou-se pela inspiração de seus *Quintetos*, em número considerável, mais de 150.

Sua obra é imensa, no entanto ainda permanece pouco divulgada.

Em compensação o seu encantador *Minueto* está entre as páginas musicais mais ouvidas de nossos dias.

Labim/UFRN

TRÊS PRIMA-DONAS

Nos últimos anos, dois nomes reinavam de modo absoluto no mundo da ópera: Maria Callas e Renata Tebaldi.

Talvez o próprio interesse publicitário tenha animado a rivalidade entre as duas famosas prima-donas, de tintas um tanto exageradas. E a opinião pública, mais ou menos condicionada pelos noticiários coloridos, habituou-se a imaginar a italiana Tebaldi como um anjo de candura... e a grega Callas um modelo de pantera indomável e explosiva.

Personalidades e temperamentos tão distintos, reais ou ilusórios, resultantes ou não de inteligente manobra da propaganda, os nomes de Callas e Tebaldi vêm mantendo o prestígio tradicional dos espetáculos líricos, prestígio constantemente ameaçado pela tendência do grande público em considerar esses espetáculos superados, cansativos e completamente fora de época ou de moda...

São vozes privilegiadas como as de Maria Callas e Renata Tebaldi que ainda mantêm a atração da ópera.

Um terceiro nome surgiu no cenário lírico, com o esplendor fulgurante de uma estrela de primeira grandeza: Joan Sutherland.

Até há pouco tempo era uma simples secretária que aproveitava as horas livres para aprender canto em sua cidade natal — Sidney. Depois de vencer dois concursos que lhe valeram uma série de apresentações na Austrália, teve a sorte de encontrar um marido *encantado* com suas qualidades vocais, promovendo a sua ascensão no início da carreira.

Indo para a Inglaterra, depois de vários triunfos no Covent Garden de Londres, recebeu estrondosa ovação nesse famoso teatro, por

Labim/UFRN

sua atuação memorável na *Luccia de Lamermoor*, ópera de Donizetti. Teve início assim a celebridade de Joan Sutherland que passou a ser a rival mais perigosa da famosa Maria Callas.

E agora, três nomes reinam de modo absoluto no mundo da ópera: Callas — Tebaldi — Sutherland.

Labim/UFRN

A PIANISTA... *MODELO*

Eillen Joyce, pianista famosa, muito elegante, muito vaidosa. Tem uma distração original... além de tocar piano: mudar de vestido, de hora em hora. Em seus recitais, um abajur é colocado estrategicamente para realçar o reflexo dourado de seus cabelos, e Eillen aparece em cada parte do programa com um vestido diferente.

No dia seguinte ao recital realizado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o comentário de um crítico foi objetivo:

— A *Appassionata* de Beethoven não esteve à altura do vestido da pianista.

E certa vez ela perguntou a Rodzinski se poderia programar dois concertos com orquestra na mesma noite. O regente respondeu simplesmente.

— Basta um vestido!

Quando esteve em Salvador, Eillen Joyce bateu o recorde, usando quatro diferentes vestidos. Sim, o quarto vestido havia sido reservado como surpresa final aos fãs quando vieram ao camarim para a requisição costumeira de autógrafos.

Ela descera do avião em Salvador com uma espécie de véu, à guisa de cortinado ou mosquiteiro, adaptado às abas largas do chapéu. Numa das mãos trazia um vaporizador de inseticida!... Essa precaução era tomada contra as lendárias febres e picadas de mosquitos dos climas tropicais...

Dizem que o *desfile de modas* ajudou muito ao sucesso artístico de Eillen Joyce, sucesso mais intenso na década de 1940, quando realizou inúmeras gravações, nas quais é justo assinalar as admiráveis qualidades da pianista, destacando-se a leveza e agilidade de seus dedos.

Labim/UFRN

UM POUCO DE BOM HUMOR (1)

Dizem que os artistas vivem no mundo das nuvens. E é provável que mais ainda quando vão se aproximando da casa dos oitenta... Era o que acontecia com freqüência ao velhinho e distraído Saint Saëns.

Numa reunião um tanto formal e elegante, alguém lhe informou que a tristonha *madame* a seu lado havia perdido o marido.

— Oh! Que infelicidade, minha senhora... — (naturalmente, o músico expressou-se em francês, idioma de sua terra) — *Quel malheur, madame... quel malheur! Quel malheur!... Quel malheur!* — repetiu várias vezes Saint Saëns.

E aproveitando a cadência levantou-se apressado em busca de papel de música para anotar a melodia que lhe viera à cabeça naquele minuto tragicômico.

Quem informou a estória não soube dizer qual seria a melodia. A *Dança Macabra,* talvez?

Certa manhã, caminhando por uma rua de Nova Iorque, Paderewski percebeu a muito custo, entre os sons desordenados de um piano que chegava a seus ouvidos pela janela aberta de um apartamento, a melodia de seu célebre *Minueto.* Compasso errado, notas erradas, pedal confuso, sustenidos e bemóis trocados, enfim, uma lamentável execução.

Ora, o caso pareceu mais alarmante ao compositor quando verificou, por uma placa existente à entrada do prédio, que ali morava uma professora de piano: "Mrs. Smith — 20 cêntimos a aula".

Num impulso de pena, irritação, ou simplesmente de cuidado em relação ao ensino correto do seu *Minueto,* Paderewski resolveu subir até o apartamento da professora, onde permaneceu pacientemente durante duas horas corrigindo todas as deficiências que notara. E provavelmente no fim da lição, para felicidade geral dos presentes, tocou aquela sua famosa composição.

Tempos depois, passando pela mesma rua, Paderewski teve a surpresa de ler na nova placa que ali estava à entrada do prédio, mais brilhante, mais bem cuidada, de maiores dimensões: Professora de piano — 2 dólares a aula — Mrs. Smith — Aluna de Paderewski.

A anedota apenas não informa se o nível de execução do *Minueto* pela professora chegara ao nível correspondente à inflação no preço de suas aulas.

"Ah!, se eu fosse um passarinho...", assim gorjeava a cantora em seu recital, despreocupada e feliz, sem desconfiar que era rival da esganiçada Marocas, companheira do Pafúncio nas historietas em quadrinhos...

Um espectador menos paciente, menos educado ou profundamente sensível, não resistiu ao massacre imposto a seus burilados ouvidos e, aproveitando a deixa, levou todo o auditório a uma delirante gargalhada quando atalhou a prima-dona em altos brados:

— Ah!, passarinho, se eu tivesse uma espingarda!...

Entre as peças para piano mais tocadas e mais conhecidas do mundo, consta, sem nenhuma dúvida, o célebre *Prelúdio* em dó sustenido menor, de Sergei Rachmaninov.

Grande regente, grande compositor e sobretudo grande pianista nas primeiras décadas deste século, Rachmaninov era forçado a tocá-lo em cada recital, para atender ao insistente pedido do público.

— O Paraíso deve ser o lugar onde ninguém conhece o meu *Prelúdio* — dizia o compositor, cansado.

Mas não acabava aí o problema, porque depois de ouvir o *Prelúdio,* cada um queria saber o que havia inspirado o compositor: se o pesadelo de um cataléptico ou o repicar dos sinos do Kremlin.

— Nem uma coisa nem outra — repetia Rachmaninov. — Fui inspirado pelos quarenta rublos prometidos pelo editor...

Labim/UFRN

Contam que, chegando a Paris, Gershwin procurou Ravel para tomar aulas. Mas, depois de ouvi-lo, teria dito o grande compositor francês:

— Sou eu que preciso tomar aulas com você!

Verdade ou não, é certo que tanto o *Concerto* em sol (para piano e orquestra) de Ravel, quanto o *Americano em Paris* (suíte sinfônica) de Gershwin, parecem confirmar ter havido um cordial e proveitoso *intercâmbio de aulas* entre os dois compositores.

Nome conhecido e admirado em todo o mundo, ao terminar a Primeira Grande Guerra (1918), Paderewski foi escolhido pelos seus compatriotas para ser o primeiro presidente da Polônia, depois de um século de escravidão ao czarismo russo.

Contam que numa reunião de estadistas lhe teria dito o famoso político francês Clemenceau:

— Eu preferia o tempo em que nós ouvíamos o senhor tocar piano!...

Dali a dez meses Paderewski deixou livre a cadeira da presidência, voltando a sentar, mais contente e feliz, no banco de seu piano.

CANÇÕES DO CANADÁ

Há sempre um aspecto simpático nas canções canadenses: o bom humor e a graça espirituosa.

O povo que vive perto das regiões polares e das grandes nevadas, parece expandir sua alegria através de seus cantos tradicionais, reanimado pelo calor dos capitosos vinhos e das chamas crepitantes das lareiras.

Certa canção fala de um marido que decide ir à taberna tomar uns tragos em companhia de amigos, logo ao dia seguinte do casamento. Mas a mulher vai ao seu encontro e trata de empurrá-lo de volta para casa, sem perder a oportunidade de fazer valer a sua energia feminina a toda prova...

O *Melro* é uma canção muito popular. O desventurado e despojado pássaro não pode cantar porque perdeu o bico, os olhos, a cabeça, as asas, patas e até a própria cauda.

Uma bela canção de amor, do Canadá francês, conta a estória de uma jovem tímida que receia estar amando o seu caro amigo... talvez um pouco além de inocente namoro.

Por um trabalho admirável de equipe, constituída de estudiosos e interessados no assunto, o Museu Nacional de Ottawa conseguiu registrar cerca de 20.000 canções, em sua maioria originárias das Ilhas Britânicas e da França, mas que através dos anos foram se aclimatando e adquirindo características próprias, integrando-se definitivamente ao patrimônio folclórico do Canadá.

Uma dessas é variante de uma divertida canção inglesa, e conta

Labim/UFRN

a eterna estória que se repete em todos os países, em todos os tempos e a todas as horas, de um cavalheiro já um tanto idoso que resolve desvencilhar-se de suas longas barbas para conquistar uma encantadora jovem. Naturalmente que a encantadora jovem não quer nada com o tal cavalheiro já um tanto idoso... mas sua mãe ordena-lhe que seja delicada e muito gentil para com ele. Entretanto tudo tem um limite, e a moça acaba perdendo a paciência quando se sente obrigada a levar o respeitável cavalheiro na direção de um altar!...

Se uma jovem está seriamente apaixonada por um marujo, é natural que sua jaqueta azul tenha muita importância para ela... Assim é a estória sentimental da moça que está apaixonada por um marinheiro e quer comprar sua liberdade. Este recusa porque já está comprometido com outra em sua terra. Mas o idílio feliz é inevitável quando o pai da bela apaixonada resolve abençoar tanto amor com terras e dote substancial.

"No meu caminho encontrei um gentil cavalheiro" — a letra é mais popular do que a melodia. Uma donzela encontra sedutor jovem alfaiate. Quando ele fala de namoro, convida-o a entrar em sua casa, e ali declara que quer casar. O pai, que está escondido escutando, põe logo fim ao idílio, dizendo:

— Não dou a minha filha a um simples alfaiate porque ele poderia feri-la com sua agulha...

Labim/UFRN

O *FRANCÊS* QUE É ESPANHOL

As *Cenas Infantis*, de Federico Mompou, são constituídas de cinco pequenas peças encadeadas entre si, cada qual trazendo um título sugestivo: *Gritos na Rua — Jogos na Praia — Jogo* — (na quarta o autor repete o mesmo título da precedente — Jogo) e finalmente a quinta peça, *Moças no Jardim*, conhecida mundialmente sob o título em francês — *Jeunes filles au Jardin*.

É a peça mais famosa das *Cenas Infantis*, e adquiriu popularidade nas salas de concerto, independente da coleção de que faz parte, uma vez que os pianistas têm preferido apresentá-la isoladamente em seus programas.

O nome de Federico Mompou começou a circular no mundo musical por volta de 1921, quando foi editada em Paris essa pequena obra-prima.

Vivendo em Paris, dando títulos em francês às suas músicas, perfeitamente identificado com o movimento impressionista da época e as sonoridades fluídicas de Debussy... durante algum tempo muita gente pensou (e talvez ainda continue pensando) que ele fosse um compositor francês.

Na realidade, Federico Mompou é espanhol, nasceu em Barcelona e hoje em dia ele próprio faz questão de que se pronuncie o seu nome como é escrito — Mompou — em vez de "Mompú" (à francesa), para que diminuam as probabilidades de engano a respeito de sua nacionalidade.

Mesmo que pela substância sonora a musicalidade de Mompou se aproxime da dos mestres impressionistas franceses, não perde em

Labim/UFRN

colorido nacional, porque nunca se afasta das fontes tradicionais do canto nativo.

A par de inventiva original e jamais vulgar, o pensamento musical de Mompou é conscientemente norteado para o aproveitamento das velhas melodias e ritmos da Espanha, sobretudo da região onde nasceu — a Catalunha, sendo exemplo as *Três Canções Catalãs*, gravadas pela cantora inglesa Nam Merrimam.

"ERROS INFANTIS"?

Nas décadas que foram mais ou menos de 1880 a 1930, período abrangendo meio século de música, o panorama pianístico internacional manteve o mais elevado nível.

E aquela geração que precedeu de perto a de Cortot, Backhaus, Rubinstein e tantos outros nomes ilustres, foi uma geração de pianistas notáveis que marcaram época, deixando lembrança gloriosa pela magnitude e versatilidade de seus talentos.

Wladmir Pachman, Sergei Rachmaninov, Tereza Carreño, Ignacy Paderewski, Moritz Rosenthal, Ferruccio Busoni, Emil Sauer, foram aclamados nas principais salas de concerto em todo o mundo.

É certo que naqueles tempos os artistas não contavam com a facilidade e rapidez de transportes aéreos. Mesmo assim, viajavam de trem ou cruzavam tranqüilamente os mares em confortáveis transatlânticos, levando sua arte às mais distantes cidades. Paderewski, por exemplo, esteve no Rio de Janeiro realizando vários recitais no Teatro Municipal, por volta de 1919.

Numa vida longa e feliz de oitenta anos, manteve até o fim o entusiasmo e o interesse pela sua carreira de *virtuose*. E já com idade avançada gravou vários discos, participando inclusive em um filme musical que se intitulou *Sonata ao Luar*.

Quando surgiram as primeiras gravações de Paderewski (e lá se vão quarenta anos pelo menos...), os mais antigos melômanos, ainda lembrados do estilo pessoal do pianista, já assinalavam certa falta de vibração e de brilhantismo em suas interpretações.

E comentavam: "Está idoso o grande Paderewski... não é mais o mesmo dos áureos tempos..."

Labim/UFRN

Bem poderiam ter razão esses antigos comentaristas, enquanto os que ouvem hoje uma gravação de Paderewski estranham, principalmente, o *desencontro* das mãos, o que era um traço característico de seu estilo, peculiar à escola pianística da época. E os andamentos parecem talvez moderados demais, em comparação com o dinamismo dos *virtuoses* de nossos dias.

Antes de Cortot, Rubinstein e Brailowski, era Paderewski considerado o maior intérprete de Chopin. Alguns críticos parisienses, comentando essa reedição fonográfica, mostraram-se decepcionados com os "erros infantis" do grande intérprete...

O estilo de Paderewski é inimitável. Tocar Chopin à Paderewski poderia significar o fracasso de um jovem pianista nos dias atuais. Entretanto, a transparência da técnica digital era um dos elementos de maior sedução nas suas execuções. Mais ainda, era apanágio do famoso pianista a sonoridade fluídica imaterial que conferia à sua melodia o mais espontâneo lirismo, tão bem expresso quando gravou o *Noturno* de sua própria autoria.

Nenhuma expressão poderia ser mais poética e sensível, que ainda reflete em um disco feito numa época em que os recursos de gravação eram bem reduzidos, comparados com os da atualidade.

MÚSICA EM PORTUGAL

Breve incursão na História da Música em Portugal revela não só a importância, mas o grande interesse que a nobre arte sempre despertou em todas as épocas naquele país.

Já no século XIII o rei D. Diniz, autor de 128 canções, criava a Universidade de Lisboa, transferida depois para Coimbra e onde no longínquo ano de 1309 era instituído o ensino da Música.

No casamento de D. João I, realizado no Porto, à frente do imponente cortejo iam muitos músicos tocando seus instrumentos, enquanto seguindo o rei e a rainha, que estavam montados a cavalo, vinham a pé as damas cantando o hino nupcial.

Pelo ano de 1494, D. João II organizou sua Capela Real com o cerimonial dos reis exatamente idêntico ao que mandara copiar da corte em Londres. E no reinado de D. Manuel, as exibições musicais diárias já apresentavam a grande novidade do momento: o instrumento denominado Cravo...

D. João III tinha a seu serviço 53 cantores, oito músicos de câmera, dezesseis menestréis, doze trombeteiros e oito timbalistas. Por essa época o ensino do órgão estava no auge da moda (assim mais ou menos como já esteve o do acordeão, entre nós...), a ponto de serem contadas só em Lisboa treze escolas públicas onde se aprendia a tocar o instrumento.

No século XVI era manufaturada em Portugal a quase totalidade dos instrumentos musicais necessários, e o rei D. João IV, além de excelente músico, mandou organizar a maior biblioteca musical de seu tempo, destruída no célebre terremoto de Lisboa.

Já D. João V aumentou tanto o pessoal da Capela Real que,

Labim/UFRN

só os cantores, em número de setenta, passaram para 130. Inclusive fez vir da Itália o célebre Domenico Scarlatti, para guiar a educação musical de sua filha, a princesa Maria Bárbara, mais tarde rainha da Espanha.

Foi no reinado de D. João V que viveu o compositor José Antônio Carlos Seixas a breve existência de 38 anos, deixando porém nada menos de 600 *tocatas* e *sonatas* para cravo, patrimônio musical importantíssimo que representa para os portugueses motivo do mais justificado orgulho.

Contemporâneo de Scarlatti, Bach, Haendel e Rameau, Carlos Seixas nunca saiu de Portugal, e este fato confere ao seu estilo um cunho acentuadamente próprio, embora ligeiramente influenciado pelo de Scarlatti, com quem manteve amizade em Lisboa.

No período romântico da música portuguesa, José Viana da Mota centralizou os maiores triunfos e atenções, principalmente pela projeção internacional como concertista entre famosos pianistas da época, tais como Paderewski, Busoni, Harold Bauer, Moritz Rosenthal.

Como muitos artistas que a história da música consagrou, foi precoce. Aos sete anos já improvisava sobre melodias. O rei Fernando e sua consorte, a condessa Edla, interessaram-se pelo pequeno artista. Terminados os estudos preparatórios no Conservatório de Lisboa, partiu para Berlim. Em 1885 morou em Weimar, onde foi aluno de Liszt.

Preso aos seus compromissos de pianista, mesmo assim Viana da Mota dedicou parte de seu tempo ao magistério e à composição, deixando uma lista significativa de obras que incluem partituras sinfônicas, camerísticas, vocais e pianísticas.

O lado simpático da produção musical de Viana da Mota está nas características nacionalistas, no interesse que teve em fixar os ritmos e melodias de seu país, expressos com simplicidade em sua conhecida *Balada* para piano.

Grande professor e grande pianista, era um intérprete admirável de Bach, Beethoven e Liszt. Seu estilo era pleno de nobreza e espírito.

Carlos Seixas e Viana da Mota representam duas épocas áureas da música portuguesa — clássica e romântica.

Filipe de Souza destaca-se entre os compositores da nova geração. Suas oito *Peças Breves* são escritas sobre várias melodias de sabor popular.

Labim/UFRN

O PRESTÍGIO DA VELOCIDADE

Uma das qualidades de maior fascínio e que mais concorre para o prestígio de um recitalista é a facilidade com que domina seu instrumento, vencendo sem esforço aparente os compassos mais complicados das músicas que está tocando, o que só é possível quando seus recursos técnicos atingiram o mais amplo desenvolvimento. Agilidade é sempre fator de sucesso, despertando entusiasmo e admiração de qualquer platéia em qualquer parte do globo.

É bem verdade que expressar o real sentido da música não se restringe a este simples domínio da rapidez dos andamentos, entretanto, o aplauso vibrante nunca é negado a uma execução de grande técnica. E o mais que se pode argumentar contra o executante é que ele prefere servir ao seu instrumento do que à Música propriamente.

Aliás, não é nada fácil atingir alto nível técnico e domínio completo de um instrumento. Mesmo sendo virtude inata, a agilidade é resultante de perseverança, disciplina, esforço e inteligência. E bem podemos imaginar, quantas horas de árduo trabalho e treino um violinista teve de enfrentar, antes de chegar ao estúdio para gravar os famosos *Caprichos* de Paganini.

Preocupado em ressaltar os problemas da agilidade em seu instrumento de quatro cordas (o violino), o compositor não perdia oportunidade de demonstrar seus espetaculares malabarismos numa corda só...

O que não teria feito com as oitenta e tantas teclas de um piano, se fosse pianista em vez que um violinista?

Quando Paganini morreu, Hanon contava vinte anos e morava

em Boulogne sur Mer. Este ilustre músico francês passou toda sua longa vida interessado no mecanismo digital dos pianistas, escrevendo centenas de "exercícios" para desenvolver a agilidade, igualdade e força dos dedos.

Muitas gerações estudaram e continuam a estudar o célebre *Pianista Virtuoso*, de Hanon. Dizem que está fora de moda esse método. Mas dizem também que grandes pianistas ainda continuam a acreditar e a treinar nas velhas fórmulas dos exercícios do Hanon.

Um gaiato anônimo adaptou esta letra satírica para o exercício número um da coleção:

"Eu fico velho e não aprendo...
eu fico velho e não aprendo..."

Será o caso de muitos mas não o de todos...

Milhares de estudos e exercícios foram inventados com a finalidade de ampliar a destreza e possibilidades técnicas dos instrumentistas. No século passado, um grande professor em Viena chamado Karl Czerny escreveu centenas de estudos até hoje imprescindíveis aos jovens estudantes de piano.

Eles promovem progresso certo na precisão, independência, força, leveza, igualdade dos dedos — qualidades que aprimoradas distinguem de imediato o bom pianista.

Labim/UFRN

UMA SUÍTE SINFÔNICA RUSSA

A orquestra da Rádio de Moscou, sob a regência de Natham Rackline, gravou uma suíte sinfônica em quatro partes, do compositor moderno russo Vadim Gomoliaka.

Esboços Subcarpáticos — assim o autor intitulou a obra, na qual pretende descrever em linguagem sonora, não só a paisagem, como também os vários aspectos e etapas da vida em sua região natal — a Ucrânia.

Sem dúvida, Gomoliaka teve um objetivo histórico... ou mesmo político, quando traçou o programa para a sua obra que, por sinal, recebeu valiosa recompensa oficial — o Prêmio Stalin, em 1951.

Na primeira parte da suíte, por exemplo, o próprio título — *Um passado opressivo*, já indica a intenção de Gomoliaka em fazer a orquestra expressar terror, miséria e angústia reinantes no país, quando homens e mulheres passavam tristes, ombros curvados e cabeça baixa. O compositor confiou aos instrumentos de sopro, principalmente os oboés, a missão de expressar toda aquela tristeza popular.

A segunda parte de Esboços Subcarpáticos descreve uma das atividades principais da região — *O transporte de madeira*. São os flautins e violinos que traduzem a riqueza imaginativa do compositor: os flancos das montanhas animam-se de vida intensa, os homens se agitam às margens do rio, os toros de madeira saltam das pontes para iniciar a longa viagem rolando nas águas...

Aurora sobre as montanhas é o título escolhido pelo autor para a terceira parte de sua suíte sinfônica. Provavelmente Gomoliaka imaginou um novo dia raiando enfim sobre o seu país livre... e fez as cordas cantarem, calmas, repousantes, radiosas. Um violino passa como um pássaro embriagado de felicidade. Flautas e clarinetas murmuram numa atmosfera transparente. E toda a orquestra canta, como um sorriso imenso, pleno de esperança...

Finalmente, a quarta parte de Esboços Subcarpáticos é a *Festa Popular*, vibrante, espontânea, descrevendo a grande alegria do povo que celebra sua nova felicidade e a vitória sobre aquele passado tão opressivo e tenebroso.

Labim/UFRN

MONTAGNANA, MENDELSSOHN E PARISOT

Em Veneza, há mais de dois séculos, um dos melhores alunos do célebre Antonio Stradivarius, chamado Domenico Montagnana, fez um violoncelo.

O raríssimo e precioso instrumento foi batizado poeticamente "a bela adormecida"... porque permaneceu mudo e intocável mais de cem anos, guardado como verdadeira relíquia no Castelo de Berkeley, propriedade de tradicional família britânica — os Fitzharding.

Também há mais de um século, em 1843, Mendelssohn escreveu sua *Segunda Sonata* para violoncelo e piano. No concerto de despedida que realizou a 18 de novembro do mesmo ano em Leipzig, cidade onde permancera longo tempo, ali fundando um conservatório e dirigindo a orquestra *Gewandhaus*, Mendelssohn apresentou a sonata em primeira audição. Logo após o jovem compositor transferiu-se com a família para Berlim, a fim de ocupar a direção musical da Academia das Artes.

Atravessando os séculos, a partitura de Mendelssohn e o precioso instrumento do veneziano Montagnana chegaram às mãos de Aldo Parisot para reviverem na interpretação do artista, através de um disco gravado nos Estados Unidos, com a colaboração ao piano de Leopold Mittman.

Aldo Parisot é brasileiro. Nasceu numa capital do Nordeste — Natal. Ali estudou com um excelente mestre italiano — Tomazzo Babini. No Rio de Janeiro foi aluno de Iberê Gomes Grosso. Radicado há longo tempo nos Estados Unidos, tem-se apresentado como solista das maiores orquestras americanas, sob a regência de nomes famosos como Stokowski, Paul Paray, Vitor de Sabatta, Pierre Monteux, Leonard Bernstein.

Aldo não mais voltou ao Brasil desde então. Muitos ainda relembram as atuações do violoncelista adolescente, realizadas em todo o país, de Norte a Sul.

A arte de Aldo Parisot caracteriza-se principalmente pelo excelente burilamento da matéria instrumental e singeleza com que expõe genuína musicalidade. Arte que parece liberta de demagogia sentimental e vaidade virtuosística. Suas interpretações têm despertado admiração de platéias da Europa e América do Norte, onde a crítica o considera um dos melhores violoncelistas.

Um severo crítico americano do *New York Times* — Ross Parmenter —, referindo-se a Aldo Parisot diz que sua musidalidade é intuitiva, seu temperamento tem ardor autêntico e magia luminosa... qualidades raras que poucos eleitos possuem.

Labim/UFRN

CANÇÕES DE CHOPIN

Chopin nunca se interessou em ver publicadas as canções que improvisava despreocupadamente, cantarolando ao piano, sobre versos dos compatriotas Mickiewicz, Witwick, Krazinski, Zaleski e Pol. Somente em 1855, depois da morte do compositor e por iniciativa de um seu grande amigo, Júlio Fontana, apareceu na França a primeira edição da coletânea que reúne dezessete *Melodias Polonesas.*

Pela singeleza, espontaneidade melódica e colorido folclórico, são pequenas páginas atraentes, ainda pouco divulgadas e nem sempre merecendo especial atenção dos cantores. A dificuldade da língua polonesa explica em parte esse retraimento.

Existe uma adaptação dos versos para o francês, feita por Victor Wilder, onde o texto original parece um tanto alterado. A tradução não é muito fiel ao pensamento dos poetas e quase sempre o cantor prefere cantar no texto original.

A canção que traz o título em francês *Faits do do Mignone* (e mais o subtítulo de *Berceuse*) chama-se originalmente *Wiosna,* palavra que significa "Primavera". Seus versos falam do orvalho que brilha, murmúrio das águas de um pequeno riacho, arbustos perfumados, paisagem tranqüila dos campos e de um rouxinol que voa feliz cantando nas nuvens a sua canção.

Em *O mensageiro,* a poesia de Stefan Witwick fala da pequena andorinha voltando com a primavera para trazer uma nova melodia ou notícias da linda jovem que partiu enamorada de um soldado.

É melodia de vibração harmonizada com a inspiração patriótica de Chopin, enquanto bom humor, alegria e juventude dão vida à canção de taverna intitulada *Hulanca* (Bacanal).

Um dos últimos pensamentos musicais de Chopin, escrito no álbum de Delphina Potocka — *Melancolia* — sobre versos de Bogdan Zaleski, canta a nostalgia de quem não encontra mais razão para a alegria, porque também não encontra mais o seu amor...

Labim/UFRN

PACIÊNCIA E HABILIDADE PRESERVARAM INTERPRETAÇÕES

Apesar de todas as deficiências técnicas que apresentam os primeiros discos gravados no início do século, ainda interessam pela evocação e reminiscência da interpretação que davam às próprias obras, nomes ilustres do passado, como Manoel de Falla, Debussy, Scriabin.

E relembramos a curiosa história das primeiras gravações... história que começou por volta de 1900, envolvendo verdadeiros milagres de paciência e habilidade mecânica.

Uma fábrica de pianos na Alemanha, a fábrica Welte, desenvolvera em grau satisfatório de eficiência, registrar as execuções de um pianista em rolos de um tipo de papel flexível e resistente. Era assim aquele sistema primitivo das antiqüíssimas pianolas, que fizeram época nas casas de nossas avós.

De 1904 a 1911, a fábrica Welte realizou extenso programa de gravações, do qual participaram com entusiasmo os compositores e pianistas mais famosos daqueles tempos. Com o advento do fonógrafo e do rádio, a fábrica naturalmente teve de se ocupar de outros projetos e por longo tempo aqueles rolos foram esquecidos.

Durante a Segunda Grande Guerra, a fábrica Welte em Freiburg foi demolida num bombardeio, entretanto, os preciosos rolos escaparam da destruição, por terem sido levados para um esconderijo seguro em plena Floresta Negra. Quando terminou a guerra, Mr. Richard Simonten, da fábrica Colúmbia, soube por intermédio de Edwin Welte, um dos sobreviventes da família, que

os rolos estavam em perfeitas condições e preservados dos efeitos da umidade excessiva e do ataque dos insetos.

Compreendendo o interesse da fábrica Colúmbia por estas gravações históricas, Mr. Simonten partiu da Califórnia para a Alemanha, onde começou imediatamente a trabalhar com Edwin Welte e Clark Bokish. Este último, já muito idoso, era o técnico que havia gravado aquelas preciosas execuções.

E assim podemos saber em nossos dias como Claude Debussy interpretava sua música. Ou ainda como Gustav Mahler tocava ao piano o último movimento de sua *Quarta Sinfonia,* aquele que descreve as delícias da vida no Paraíso...

Labim/UFRN

O BELO *DANÚBIO AZUL*

Como acontece com a maioria das mães que preservam as primeiras letras ou desenhos de seus pequenos, assim também Ana Strauss, mulher do famoso compositor Johann Strauss, preservou o manuscrito da primeira tentativa musical de seu filho, que tinha o mesmo nome do pai — Johann.

"Um pouco tosca... e apesar disso, inteligente...", foi a frase que Ana Strauss pronunciou ao ouvir aquela primeira composição infantil.

Era uma valsa, e o menino Johann tinha apenas seis anos de idade.

O tempo passou — e com ele a esperança de Ana Strauss em reaver a harmonia e a felicidade. A vida, as viagens, a procura febril de novos motivos de inspiração, afastaram definitivamente Johann Strauss daquela que um dia fora seu amor. Mais do que nunca, Ana Strauss alimentou a idéia de que o filho seria também um grande músico. O segundo Johann Strauss haveria de ser tão famoso quanto o Johann Strauss primeiro.

Mais do que o orgulho maternal, estaria talvez oculto no subconsciente o vago desejo de vingança da mulher à espera da música mais bela e inspirada de um novo gênio, para suplantar a do homem que a abandonara.

A obsessão de "frau" Ana tornou-se realidade. Ainda não completara vinte anos e tinha início a celebridade de Johann Strauss Júnior.

Naquela noite memorável de 15 de outubro de 1844, os alegres habitantes de Viena repetiam, uns para os outros, que a cidade possuía agora dois músicos com o mesmo nome de Strauss e que, por bem ou por mal, todo mundo teria de reconhecer que eram propriedades inalienáveis, verdadeiros monumentos nacionais.

O tempo passou... e assim também o segundo Johann Strauss via passar diante da janela envidraçada, o milenar Danúbio, o velho rio de um verde claro cor de cana, às vezes prateado, ou cor de cinza.

Mas, quem já teria visto azul, aquele mesmo rio? Seria um daltônico? Ou simplesmente um homem inquieto que passara por muitas angústias na vida?...

Chamaram esse homem o "Byron alemão". Era ele o poeta Karl Izidor Beck, que assim falou:

"Áridos arbustos também se abrem em flores
e os rouxinóis estão cantando sobre o Danúbio,
o Belo *Danúbio Azul*".

O som ondulante das palavras — o belo Danúbio azul — impressionou talvez mais ao jovem Strauss do que a contemplação desde a infância, daquelas águas tranqüilas do velho rio.

Era 1867. Os habitantes de Viena não estavam risonhos nem alegres, porque era muito recente a derrota da Áustria pela Prússia, numa luta relâmpago de apenas quatro semanas.

A música de Strauss, apresentada então por uma sociedade coral masculina, não obteve maior êxito, devido à letra medíocre que fora adaptada. Mas, nesse mesmo ano em Paris, sob o reinado de Napoleão III, por ocasião da Exposição Universal, teve início a fama da valsa, tornando-se o maior sucesso popular até hoje obtido por uma pequena peça lírica. Pacotes repletos de exemplares eram expedidos para o mundo inteiro, pela casa editora Spina, de Viena.

E até mesmo na Austrália e na Ásia, ouviram a melodia do belo *Danúbio Azul.*

O tempo passou, desde aquele ano de 1867, e a música de Strauss permanece no mundo novo de hoje, mas que também é um mundo velho, como a própria Primavera trazendo de volta às campinas o canto dos pássaros e o colorido das flores.

A música de Strauss parece o símbolo do próprio tempo que

Labim/UFRN

passou, ou de um mundo que já terminou e onde diminui, dia-a-dia, o espaço para divagações poéticas, mas que na realidade jamais deixará de existir — este mundo de primavera, sol, beleza, amor e alegria de viver...

HISTÓRIAS DE CICERONES

Não só os homens e suas ações têm história. Também os objetos. Mesmo os animais, desde a arca de Noé aos gansos do Capitólio, vão marcando através dos tempos a sua própria história. Nas ruas, museus ou desertos, gerações têm ouvido histórias de monumentos, pirâmides, torres, fatos ou quadros que, em suas formas inanimadas, vão por sua vez animando acontecimentos em torno de si mesmos.

Há três décadas, quando se anunciava iminente uma grande guerra, que importância não teve então um *guarda-chuva!* Era uma espécie de oráculo, predizendo bom ou mau tempo... barômetro anunciando o clima e os caprichos das negociações entre os estadistas das nações adversárias. O guarda-chuva tinha características bem definidas, e sua fotografia era tão assídua nas páginas da imprensa quanto a de seu ilustre proprietário inglês.

Os britânicos, tão apegados a tradições e velhas coisas do passado, provavelmente já tomaram a iniciativa de o preservar. E todos os dias, em algum museu de Londres, haverá um grupo de turistas ouvindo a história do célebre guarda-chuva de Mr. Chamberlain, contada pelo competente bigodudo cicerone.

Leonardo da Vinci — o homem simplesmente, o homem apenas carne e osso, está hoje reduzido a pó. Sua vida quimérica, permanece relembrada. E mais ainda, a sua arte, através de seu mais famoso quadro Mona Lisa (*la* Gioconda), obra-prima de cor e mistério.

Labim/UFRN

Mas o *quadro* em si mesmo? O quadro moldura, o quadro tinta e tela? Que aventuras não tem passado! Desde as viagens pelo mundo para ser contemplado, até às ameaças constantes de ser roubado por algum colecionador maníaco. Para garantir a segurança do quadro, um verdadeiro arsenal de funcionários está à sua disposição, onde não falta inclusive o sistema elétrico de campainhas de alarme.

E todos os dias haverá decerto um grupo de visitantes no Louvre de Paris, admirando o mistério do sorriso de Mona Lisa, relembrando a figura de Leonardo, mas também ouvindo as peripécias pelas quais tem passado o quadro, contadas pelo respectivo bigodudo cicerone...

Ora, um *violino* também tem história.

E sua história começa no século XIX, quando foi manufaturado por um dos mais célebres fabricantes de violinos da Itália — Guarneri del Gesú. Depois, o violino foi batizado com o nome de *Il Cannone*, até que um dia, na cidade de Parma, passou a pertencer a um jovem chamado Niccolò Paganini.

Nas mãos deste moço de Gênova, *Il Cannone* era um violino mágico que tocava como nenhum violino tocara até então. Ninguém ouvira antes um violino com tantas vozes, tantas sonoridades diferentes e tanta velocidade em suas notas.

Às vezes, dava a impressão de que muitos violinos soavam ao mesmo tempo. Outras vezes, numa corda só, a música vibrava em toda sua magia.

Por onde passava, diziam que seu dono fizera um pacto com o demônio. E depois das mirabolantes aparições no palco, enquanto Niccolò Paganini permanecia a um canto, impressionante pela palidez e magreza extrema, as pessoas incrédulas e temerosas acercavam-se do violino, esperando ver sair de sua caixa algum bruxo ou o próprio Belzebu envolto em fogo.

Um dia, o dono do violino morreu e guardaram o instrumento numa redoma de cristal, porque não só os britânicos admiram a tradição e as velhas coisas do passado: os italianos também. E assim sendo, todos os dias haverá sem dúvida um grupo de turistas

visitando o Museu de Gênova. Ali eles ouvem casos incríveis da vida do genial Paganini, ouvem as melodias de sua música, e também a história desse violino, contada pelo solícito cicerone bigodudo.

Labim/UFRN

LEI DE COMPENSAÇÃO

Dizem que a perda de um sentido faz aguçar um outro. E assim, o indivíduo surdo poderá ver mais, ou o cego terá maior percepção auditiva.

Na Europa, pelo menos na Alemanha, é freqüente o número de afinadores de piano destituídos da visão, e nos Estados Unidos entre os músicos de jazz, esse é um fato comum. O cantor Ray Charles, por exemplo, chegou a ser ídolo das platéias de todo o mundo.

Entre os pianistas cegos, causa surpresa o nível mecânico que atingem, bem como a destreza com que dominam os saltos nas teclas distantes. Dir-se-ia que esses pianistas têm mais desenvolvido o sentido do tato, permitindo-lhes a acomodação perfeita das mãos com o teclado, base de uma técnica superior.

É o caso do famoso pianista de jazz, Art Tatum, que é admirado pela vertiginosa limpidez de suas escalas improvisadas.

Em 1932, no II Concurso Internacional Chopin, realizado em Varsóvia, o pianista húngaro Imre Ungar obteve o mesmo número de pontos que Alexandre Uninsky, representante da França.

Imre Ungar era cego e mais uma vez foi infeliz, pois na tiragem da sorte classificou-se em segundo lugar, perdendo a primeira colocação para Uninsky.

Notoriedade internacional começa a despontar para o pianista cego italiano Alberto Colombo, nome já conhecido entre nós, pela sua brilhante participação no Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro.

CONTRASTE

Dois mundos diferentes separam Veracini de Bela Bartok. Viveram em épocas muito distantes uma da outra. Dois séculos separam a existência desses dois compositores. Veracini fez a sua música no século XVIII — Bela Bartok, no século XX.

Veracini nasceu em Florença, cidade festiva impregnada de nobreza e arte. Sua música reflete as impressões do ambiente em que passou a juventude, entre as linhas simples dos belos palácios florentinos, a pureza das cores de Giotto e Fra Angélico, a elegância das danças aristocráticas — pavanas, galhardas e sarabandas.

Bela Bartok nasceu num vilarejo húngaro, entre os bosques e as montanhas. Ali estavam as primeiras impressões do adolescente, que seriam como um halo infalível, pedra angular de seu pensamento musical — a beleza tranqüila da paisagem, a vida rústica dos aldeões, seus cantos e danças.

Duas paisagens, duas épocas, dois mundos sonoros em contraste, os de Veracini e Bartok, refletindo os próprios contrastes do tempo e do espaço, como duas linhas opostas que apenas se encontram no vértice da limpidez e clareza com que se transformam em sons musicais.

Labim/UFRN

O PIANISTA LENDÁRIO

É estranho e irrisório. Parece incrível que, mesmo pianistas (poucos, na verdade) mencionem Liszt com certo desprezo como se fosse um compositor de menor importância.

Raposas diante das uvas?

Eles passam... a música de Liszt permanece.

O pianista lendário do século romântico, aos nove anos já entusiasmava o público. Aos quatorze estreou em Londres e Paris, compondo a sua primeira ópera. A partir de então sua vida era marcada pelo amor, aventura e glória.

Sem o rádio, a televisão ou o disco, numa época em que ouvir música era um deleite raro concedido aos privilegiados freqüentadores de salões nobres e salas de concerto, Franz Liszt percorria toda a Europa deslumbrando as elites.

Certa vez, em São Petersburgo, percebendo que o czar conversava no camarote real, interrompe a música.

Estupefação e silêncio na platéia.

O czar interroga:

— Por que parou?

Responde Liszt:

— Perdão... mas, quando Vossa Majestade fala... todas as vozes devem calar...

O czar mandou que continuasse e permaneceu calado.

Quando a princesa Belgiojoso disse que o maior pianista da Europa era Thalberg (!), houve um estremecimento de surpresa entre os seus convidados.

— E Liszt? — perguntaram inquietos.

— Ah, meus amigos... Liszt é o único! — tranqüilizou-os a princesa.

Uma de suas melodias mais belas, *Sonho de Amor* — inspirada nas palavras do poeta alemão Ludwig Uhland, é conhecida em todos os recantos do mundo.

Assim fala o poeta:

Ama sempre
todo o tempo
que for possível
porque não tardará
a hora em que
terás de chorar
a felicidade perdida

Dá ao coração
que palpita junto ao teu
todos os tesouros
de tua ternura
e que sejam breves
as palavras ditas
que fazem sofrer.

Em contraste com essa atmosfera romântica, a impetuosa fantasia criadora de Franz Liszt revela-se em sua vibrante página para piano — *Mazeppa.*

Liszt devia ter especial predileção por este trabalho, pois, várias vezes o refez, até pensar em transpor o mesmo para uma versão orquestral, pedindo a colaboração de seu amigo, o compositor Joachim Raff, para ajudá-lo na instrumentação.

O título da obra não é tirado de um personagem imaginário. Mazeppa, herói quase lendário pelas suas proezas de coragem, existiu realmente — Ivan Stefanowicz Mazeppa — aventureiro polonês que veio a ser príncipe na corte de Pedro — o Grande.

Uma intriga amorosa levou-o ao castigo de ser amarrado a um cavalo selvagem em galope desenfreado. Resistindo à prova, qua-

Labim/UFRN

se sem vida, Mazeppa é salvo pelos cossacos, que o proclamam rei, fascinados pela sua têmpera excepcional.

É o clima de cavalgada heróica e alucinante que Liszt procura transmitir através de sua música.

MAHALIA JACKSON

Nasceu em Nova Orleans, com a missão de ser a mensageira dos cantos espirituais negros.

Cedo compreendeu o tesouro que era a sua voz. E não teve por mestres senão a profunda intuição e os discos de Bessie Smith e Bertha Chippie Hill — duas grandes cantoras.

Enquanto Marian Anderson ou Paul Robeson abordaram o repertório dos "negros spirituals" em versões elaboradas com intenção mais erudita, para serem ouvidas em salas de concerto, Mahalia Jackson procurou imprimir maior autenticidade às suas interpretações, merecendo por isso o título de "rainha das cantoras" desse gênero.

Embora se apresente em grandes auditórios, Mahalia Jackson prefere, na maioria das vezes, cantar em igrejas. Profundamente crente, faz de sua profissão um verdadeiro apostolado. Canta por vocação e unicamente as melodias espirituais dos negros, hinos e cânticos religiosos, obtendo grande sucesso nos Estados Unidos, junto ao público de cor e mesmo diante de parte numerosa do público branco.

Numa Convenção Batista, realizada em Detroit, 50.000 pessoas estiveram reunidas para ouvi-la cantar.

Dotada de voz admirável, grave, profunda e poderosa, sem problemas de afinação ou respiração, Mahalia Jackson adapta a sua técnica vocal à vivência interior e caráter místico das músicas que interpreta.

E o faz com tal veemência e força expressiva que empolga irresistivelmente o ouvinte.

Labim/UFRN

OS SMITH E OS SILVA

O mesmo sobrenome, nenhum parentesco, mas... a mesma vocação para a música. E, uns mais, outros menos, mereceram citação em dicionários musicais.

Entre os Smith mais antigos, do século XVIII, Johann Christoph, alemão, foi aluno de Haendel. E John Stafford — colecionador de velhos manuscritos — o autor de uma bela canção adaptada para hino americano: *The Star Spangled Banner.*

O Smith David Stanley, além de organista e compositor, foi professor e depois (1920) diretor da Escola de Música da Universidade de Yale, nos Estados Unidos.

Ainda entre os Smith musicais, sabemos de Charles — inglês, organista da capela real. Sidney — também inglês, autor de grande número de peças para piano. Wilson — que além de crítico e autor de exercícios de oitavas para piano, era professor em Cleveland (USA).

Representantes do "sexo frágil" também ilustram o nome Smith na Música.

Alice Mary, inglesa, do tempo da rainha Vitória, gastou muito papel pautado e velas de candelabros, escrevendo longas sinfonias e cantatas, hoje mudas e esquecidas na prateleira de algum arquivo.

Bessie, americana, vez por outra ainda é lembrada, porque pelos anos 20 foi coroada "imperatriz do jazz", quando gravou discos com Louis Armstrong.

Morreu em conseqüência de um acidente automobilístico (segundo algumas versões) por lhe ter sido negado socorro em um hospital de brancos.

Ethel preferia assinar o nome intercalando uma letra grega — Smyth.

Deixou na sua bagagem duas óperas.

Nos intervalos da inspiração musical, seguia a vocação *eleitoral,* saindo às ruas para gritar pelo direito de voto das mulheres.

É bem provável que, por esse nobre feito, a Coroa lhe tenha conferido o título de Dama do Império Britânico, quando então, além da letra grega na grafia, Ethel passou a assinar o nome completo — *Dame* Ethel Smyth.

Alguns Silva do passado tiveram irresistível atração pelos sons musicais.

Um dos primeiros, chamado André, no ano longínquo de 1519 já era músico na Capela Sistina, sendo conhecido como... o compositor papa!

Houve um Silva francês — David — que deixou muitas óperas e sinfonias.

João Cordeiro, Silva português do século XVIII, elegeu a bela paisagem de Nápoles para ali viver e compor.

Mas o Silva musical mais famoso da terra de Camões chamou-se Oscar. Aluno da célebre Clara Schumann (viúva de Robert Schumann), no fim do século XIX, era um dos grandes pianistas da Europa, aplaudido em Leipzig, Berlim, Paris, Lisboa.

Além de tocar piano, gostava de compor. As primeiras edições de suas músicas (hoje também relegadas à poeira dos arquivos) foram impressas na Alemanha.

O Antônio José da Silva, do século XVIII, compondo missas e modinhas, não sabemos que pecado terá cometido, se *venial* ou *musical*... para ser condenado à fogueira, por heresia...

Para os brasileiros, o Silva mais importante da história musical é Francisco Manuel, autor do Hino Nacional. A ele, inclusi-

Labim/UFRN

ve, os músicos do Brasil devem a iniciativa para a criação do Conservatório Imperial, hoje a Escola de Música da Universidade do Rio de Janeiro.

Ainda no século XIX, Cândido Inácio, aluno do padre José Maurício, era considerado o melhor compositor de modinhas do primeiro reinado.

E o brasileiro Pedro Alves, autor de peças para piano, tem a seu crédito o aprimoramento do talento musical num conservatório alemão, em Stuttgart.

PARTITURAS *SUBMERSAS*

Quando se fala em música na Hungria, vem logo à imaginação acampamentos ciganos, violinos apaixonados, românticas balalaicas.

E naturalmente, entre seus grandes músicos são lembrados Franz Liszt — o maior compositor húngaro do século XIX — e Bela Bartok — o maior do século XX.

Um pouco menos citado, a não ser entre ouvintes mais conhecedores do assunto, vem o nome de Zoltan Kodaly.

Quanto a Stephen Heller, poucos sabem que é húngaro — nem mesmo os milhares de alunos que, mundo afora, aprendem a tocar nos conservatórios os seus melodiosos estudos para piano.

O restante de sua obra está praticamente engavetada (o que é uma pena) a não ser a famosa *Tarantela* que, vez por outra, ainda se ouve em versões escolares.

É que o acervo universal pianístico acumulado nos últimos duzentos anos se tornou tão imenso, que não há mais tempo nem espaço para trazer à tona as centenas de partituras *submersas* de tantos excelentes compositores como Heller, relegadas ao silêncio.

Aos nove anos Heller apresentou-se em público com enorme sucesso. Aos treze estreava em Viena. Aos quinze, sua fama levou-o a empreender grande *tournée* européia em companhia do pai, quando adoeceu em Augsburg, aí permanecendo longo tempo na bela residência de família muito rica.

Depois fixou-se em Paris, onde se tornou famoso como pianista. Grande amigo de Chopin, um dia este o encontrou numa loja de músicas examinando suas três valsas mais recentes publicadas (*op.* 34).

Labim/UFRN

Dizendo que se tivesse de escolher a mais bonita ficaria com a número dois em lá menor, Chopin confirmou que esta era também a sua preferida.

E demonstrando o seu contentamento, convidou Heller para almoçar no famoso restaurante parisiense — "Café Riche".

É quase unânime a opinião de musicólogos afirmando que a música de Heller é tão interessante quanto a de Mendelssohn, no entanto hoje permanece quase em silêncio total.

Mas, quem sabe se um dia não haverá uma redescoberta de seus sons românticos, como ocorreu com os de Vivaldi, que tinham emudecido mais de um século, e também com os de Ernesto Nazareth — o inspirado autor brasileiro de choros e valsas, hoje um dos mais ouvidos em nosso país, se bem que ainda não tenha alcançado projeção internacional.

UM VIOLINISTA *QUEIMADO*

Às vezes é tão surpreendente a informação que leva a supor não estar correta a fonte.

Como no caso do inglês Charles Avison, compositor do século XVIII, que dizem ter escrito nada menos que 44 concertos para violino e orquestra, número talvez só ultrapassado por Vivaldi, que compôs cerca de 200, enquanto Beethoven, Brahms, Mendelssohn e Tchaikovsky se contentaram com apenas... um.

Mas o interessante (ou o lamentável) é que os violinistas de hoje não têm pensado em tocar pelo menos um... dos 44.

É bem possível que a *queima* da posteridade de Avison tenha até se processado ainda em vida, quando ele confessou, num livro publicado em 1752, que seus mestres Geminiani e Marcello eram superiores a Haendel!...

Ora, de fato, isso constituía uma *heresia* sem perdão para os *inquisidores* musicais da loura Albion... Suficiente para levar à fogueira do ostracismo, não só os 44 concertos para violino e orquestra, mas todos os manuscritos de Charles Avison!...

Labim/UFRN

OS PRECOCES

Assombra ver uma criança pensar ou agir como *gente grande* de muitas primaveras.

No entanto, isso acontece de vez em quando. E a crônica musical está cheia de exemplos de gênios precoces, talvez mais comuns nos dias de antanho que nos de hoje.

O fenômeno tem sido mais assinalado na área da música e do teatro, enquanto raramente no âmbito da literatura e da ciência, sendo aí, talvez, quase inexistente.

Não sabemos de um invento ou de um livro escrito por um menino de sete anos. Mas, nessa idade, Chopin já compunha variações e *polonaises* que eram *notícia*, na imprensa da capital polonesa, louvando o filho de Nicolas Chopin, professor de Francês no Liceu de Varsóvia.

E muito antes de Chopin, o menino Mozart assombrava a Europa aos cinco anos tocando no cravo os seus primeiros minuetos.

Obrigado pelo pai, aos quatro anos Beethoven aprendia a tocar piano, e aos sete já se apresentava em público.

Aos nove, Liszt arrebatava os ouvintes.

E o menino espanhol Sarazate, aos dez anos, recebia vibrantes aplausos no Teatro Real de Madri, tocando violino.

Mais recentemente, na década de 40, um menino e uma garotinha, ambos nascidos na *bella Itália* — Pierino Gamba e Gianella de Marco — assombravam as platéias do mundo, *imitando* regentes diante de orquestras famosas.

Os músicos se encantavam, deixando-se conduzir pelas suas

batutas, embora confessassem que tocavam sozinhos, tanto conheciam as partituras "de cor e salteado", enquanto os regentes mirins à sua frente tinham apenas que fazer a mímica de marcação do compasso, balançando a cabeça e movendo os braços, ora agitados ora calmos, como costumam fazer os melhores maestros, às vezes mais preocupados com a coreografia dos gestos que aperfeiçoaram no espelho, do que propriamente com o emaranhado das fusas e colcheias sinfônicas.

Fosse como fosse, os infantes regentes atraíam multidões e saíam do palco sob delirantes aplausos, transpirando e ofegando como qualquer Toscanini ou Stokowski.

Depois de crescidos não se tem mais ouvido falar em suas atividades musicais.

Parece que, tanto o Pierino como a Gianella, *desaprenderam*... ou esqueceram como regiam na infância as orquestras.

E assim, pouco a pouco, também vão sendo esquecidos pelos seus antigos fãs.

Mas, enquanto houver filmes e salas de projeção, será lembrada a garotinha Shirley Temple que, com a sua figurinha irresistível de encanto, emocionava os espectadores nas telas do mundo inteiro, representando como *gente grande*... de muitas primaveras.

Labim/UFRN

BREVE PERFIL

Ludwig van Beethoven.
Compositor alemão.
Nasceu na cidade de Bonn — 1770.
Talento precoce. Infância infeliz. Pai rude e desagradável.

Não se sabe a origem da partícula nobre do nome — "van".

Parece que, por livre iniciativa, ele mesmo tenha se atribuído descendência aristrocata, como o fez Napoleão, colocando na própria cabeça a coroa imperial da França, o que aliás indignou o compositor, vendo na atitude do seu herói uma traição ao ideal de liberdade.

Em protesto, retirou a dedicatória a Napoleão de sua *Terceira Sinfonia,* transferindo-a "à memória de um grande homem".

É possível que lhe tenha passado pela idéia anular com o traço de nobreza na assinatura, a diferença de *classe* ante a sociedade vienense, já que lhe era bastante constrangedor ter que aceitar a diferença de... *bolso.*

Iludiu-se na procura do amor.

Entre as mulheres que desejou, elegeu a "bem-amada imortal".

E qual seria a eleita?

Giulieta?... Teresa?...

Eram muitas... e nenhuma, talvez.

A "bem-amada" estaria apenas na sua imaginação.

Ou seria a sua própria Música, que ele também não deixava de *ouvir* na imaginação.

Violento e explosivo. Humano e triste. Surdo e infeliz.

Ouvia no cérebro e no coração a música dos gênios.

A surdez era a sua guilhotina. A grande derrota. Implacável.

Protegido de condes e príncipes, era orgulhoso e malcriado. Mas Viena o desculpava. Porque o amava e respeitava.

O que não impediu que o deixasse passar maus momentos no fim da vida, solitário e esquecido, sem dinheiro, sem conforto.

Em meio à tempestade de neve, o violento estrondo de um trovão parece ter despertado a consciência dos vienenses.

Perceberam que o seu gênio estava morrendo.

Era o dia 26 de março de 1827.

Promoveram-lhe grande homenagem fúnebre, ao estilo de pompa imperial.

Desfile de tropas. Salva de canhões.

Entre os milhares de acompanhantes estava Schubert.

No reino da Música os clarins anunciavam a entrada de seu nobre e glorioso "bem-amado imortal".

Labim/UFRN

O ÍDOLO

Assim como nos anos 20 Rodolfo Valentino no cinema mudo, o pianista Alexander Brailowski era o maior ídolo da platéia musical carioca, nos anos 30.

Moço, pálido, magro, *fama* de tuberculoso como Chopin atraía multidões. Tanto que chegava ao Rio, não para uma só exibição, mas em dez ou doze récitas tocava tudo o que sabia de seu repertório, partindo em seguida mais rico, mais famoso e, provavelmente, mais magro...

Nesse tempo, o seu mais aproximado rival, Arthur Rubinstein — apesar de toda simpatia, saúde radiante, alta cabeleira ruiva e mãos possantes despencando da altura da cabeleira ruiva para atacar os acordes fortíssimos e inflamados da *Dança do Fogo*... mal conseguia lotar, ao menos uma vez, o Teatro Municipal. E quando partia, mais saudável e corado, ameaçava que nunca mais voltaria ao Rio.

Mas voltava sempre.

Diziam que a mulher de Brailowski, australiana bonita de olhos verdes e herdeira de grande fortuna, nunca assistia a primeira parte dos recitais do marido, porque permanecia na bilheteria do teatro, contando os ingressos até a última moeda.

E, obviamente (comentavam nos bastidores), os bilheteiros não gostavam nada desta *invasão* controladora de seus domínios...

Também diziam que, no camarim, durante o intervalo do programa, Brailowski retemperava a energia sorvendo uma taça de champanhe.

E que a australiana de olhos verdes era a sua segunda mulher.

A primeira, mais velha do que ele, investira muito de sua paixão outonal e de sua conta bancária, no talento do pianista ainda principiante.

E completavam os informantes:

"Depois que ficou célebre, ele deu o fora na velhota rica e pegou a milionária moça".

Como se tratava de um ídolo, novidades não faltavam, e diziam ainda muitas coisas, inclusive que não era tuberculoso, senão, como teria força para tocar tantos concertos, um depois do outro, não só no Rio, mas nos cinco continentes?...

A palidez chopiniana... faria parte da publicidade.

Enfim, era um ídolo de outros tempos mais tranqüilos, só nublados pela impressão de que estaria próxima uma nova guerra. Como de fato estava.

E tanto sucesso às vezes incomodava um aqui outro ali, dizendo que o pianista não era lá grande coisa... e deturpava as interpretações chopinianas, tornando-as muito lânguidas e sentimentais.

Mas, o que fazer? As platéias dos cinco continentes deliravam, suspiravam e... até choravam (!) ouvindo o Chopin do Brailowski, sobretudo na ala onde pulsavam corações femininos mais vulneráveis à melancolia do crepúsculo.

Quem nasceu para ser ídolo, vive e morre como ídolo, quer queiram ou não os anônimos de nariz torcido.

E se algum dia existiu neste mundo um ídolo musical, sem nenhuma dúvida o pianista Brailowski era um deles, nos idos anos 30.

Labim/UFRN

O BELO SEXO NA MÚSICA

Inventar música nunca foi lazer exclusivo dos homens. E, mais do que se imagina, é grande o número de compositoras.

Mesmo se não atingem a estatura de um Bach, Beethoven ou Brahms, têm o seu lugar *ao sol...* ou *à sombra* de enciclopédias especializadas.

É curioso notar que na criatividade artística as mulheres têm-se distinguido mais na literatura do que na música onde, entretanto, alcançam nível superior como intérpretes, principalmente no canto ou no piano, assim como no teatro e balé, de que são exemplos imortais Sarah Bernhardt e Eleonora Duse — Ana Pavlowa e Isadora Duncan.

Entre as grandes cantoras do passado, a memória musical preserva nomes como os de Giuditta Pasta, Malibran Garcia, Henriette Sontag, Pauline Viardot, Amelita Galli-Curci.

O piano, que antigamente era quase obrigatório o ensino nos colégios de freiras, sempre teve a tradicional preferência feminina.

É mais ou menos recente a decisão das damas de enfrentar flautas, trombones e... até contrabaixos — neste caso, claro, se tiverem altura adequada e enormes longos braços para abraçar o *obeso* instrumento e usar o arco.

Seguindo o exemplo das amazonas, ao abolir a maneira feminina de montar de lado, assim também as modernas violoncelistas resolveram posicionar seus violoncelos entre as pernas como fazem os colegas *masculinos.*

Entre as famosas pianistas do século XIX, diziam de Marcelina Czartoriska — princesa polonesa aluna de Chopin — ter captado o estilo exato de tocar do mestre.

Clara Wieck — mulher do compositor Robert Schumann — enquanto viveu, manteve o seu posto de maior concertista da Europa.

Sua rival mais próxima seria Caroline de Belleville — excelente pianista francesa.

Em fins do século XIX, a venezuelana Tereza Carreño assumiu a liderança nos torneios pianísticos do belo sexo, sendo autora, inclusive, do hino de sua pátria.

Nos primórdios do século XX, Margheritte Long empenhava-se com Blanche Selva, sua concorrente mais forte, pelo cetro de maior professora de piano de Paris.

Por esse tempo, quase da mesma idade, três brasileiras iam conquistando renome no cenário pianístico europeu: Antonieta Rudge — Madalena Tagliaferro — Guiomar Novais.

E em Londres, Myra Hess dividia as honras com sua colega Harriet Cohen, levando porém uma pequena vantagem: o título de Dama do Império Britânico, concedido pela Coroa.

Quanto à criatividade, propriamente, já no século XVIII havia damas que se aventuravam na composição musical, inclusive damas de alta linhagem... como Ana Amalia, princesa da Prússia, irmã de Frederico — o Grande, autora de cantatas e corais.

Amalia Maria, irmã do rei João, da Saxônia, escrevia óperas sob o pseudônimo de Amalie Helter.

Em pleno pós-romantismo, na segunda metade do século XIX, o repertório foi inundado de música suave sentimental, escrita de preferência para o piano, que atingia o apogeu como instrumento favorito e indispensável em salões e saraus.

Foi o momento de maior sucesso e popularidade da compositora francesa Cecile Chaminade.

Entre tantos títulos em francês, românticos e sugestivos, como *Le lac de Côme, Le poète mourant...* destacava-se uma peça, campeã de preferência dos melômanos da época: *Prière d'une Vierge* — da compositora polonesa Thekla Badarzewska.

Três compositoras francesas desse tempo almejaram ascender além da simples admiração fácil e agradável de salões e saraus.

Labim/UFRN

Augusta Holmes — aluna de Cesar Frank — de fascinante beleza (diziam) e talento superior, compôs poemas sinfônicos.

Germaine Tailleferre — fez parte do movimento precursor modernista, ao lado de nomes como Eryk Satie, Poulenc, Milhaud.

Lili Boulanger — não teve tempo de expandir a vocação, morrendo jovem, aos 23 anos. Foi a primeira concorrente feminina a ganhar o difícil e famoso Prêmio de Roma.

Irmã de Lili — Nadia Boulanger — alcançou renome internacional ensinando composição em Paris.

Entre seus alunos mais famosos estão os americanos Aaron Copland e Roy Harris — o francês Michel Legrand — os brasileiros Cláudio Santoro e Camargo Guarnieri.

E a britânica — Thea Musgrave.

Nomes isolados aparecem na seara musical feminina do Brasil. Em São Paulo — Dinorá de Carvalho, Eunice Catunda. No Rio — Helza Cameu, Maria Luísa Priolli.

Fenômeno da música popular brasileira em fins do século XIX — Chiquinha Gonzaga — acumulou as funções de mãe de família, professora de piano, feminista abolicionista, vendedora de partituras, maestrina de banda militar, autora de comédias musicadas encenadas em teatros do Rio e Lisboa, além de centenas de composições, incluindo a imortal primeira marcha carnavalesca carioca *Ó abre alas.*

Mais atual — Dolores Duran — compositora de grande aceitação popular, pela inspiração da linha melódica, emotiva e romântica.

Entre as melodias mais conhecidas e amadas em todos os quadrantes do planeta — *Besame Mucho* — de autoria da mexicana Consuelo Velasquez.

Sem lhe diminuir o mérito da inspiração, talvez vagassem no subconsciente da compositora as primeiras notas do tema do Concerto em lá menor de Schumann (para piano e orquestra) dando-lhe o ponto de partida para a sua bela melodia.

Realmente, mais do que se imagina, é grande o número de compositoras que ninguém sabe, nem vê, nem escuta. Em todo caso, valorizaram a música nas terras onde nasceram:

Portugal	— Guilhermina Suggia
Estados Unidos	— Ruth Crawford
Itália	— Carlota Ferrari
Rússia	— Eugenia Pavloff
Áustria	— Marie Therèse Paradis
Polônia	— Maria Szymanowska
Inglaterra	— Elizabeth Lehman
Alemanha	— Anna Von Lazlo

A lista é imensa. E encontra abrigo em sua quase totalidade, à *sombra* das páginas de enciclopédias especializadas.

Labim/UFRN

INVENÇÕES DE UM JORNALISTA

Amigo de George Sand, o jornalista Rollinat aparecia às vezes em Nohant, durante o verão, na casa de campo da escritora.

Quando ele publicou um pequeno livro de *souvenirs*, Maurice Sand perguntou à mãe, indignado:

— A senhora vai permitir tal abuso?... Quase tudo que está aí no livro de Rollinat não passa de invenção... nada disso aconteceu...

— Ora, Maurice — disse-lhe George Sand — o pobre Rollinat está em dificuldade financeira, e eu não vou, de maneira nenhuma, impedir que ele ganhe algum dinheirinho com as suas invenções inofensivas.

Parece que, certa vez ouvindo Liszt tocar uma de suas músicas, acrescentando escalas, arpejos e floreios que não constavam da partitura (assim como se fosse um pianista precursor do estilo atual de Carmen Caballaro...), lhe teria recomendado Chopin:

— Toque Chopin como Chopin é!

E uma das *invenções* (?) de Rollinat refere-se ao encontro dos dois pianistas num verão em Nohant, narrada mais ou menos assim:

"As velas dos candelabros tinham sido apagadas por uma rajada de vento, no salão onde já estavam reunidas as visitas para a sessão de música.

Mesmo às escuras o piano fez-se ouvir, deixando os presentes em silêncio, presos de forte emoção musical, quando George Sand vem reacender, uma a uma, cada vela dos candelabros.

Estupefação geral — Liszt estava ao piano.

— Oh! É você, Liszt?... Mas julgávamos que fosse Chopin, tal a perfeição e sensibilidade que ouvíamos na interpretação de sua música!...

Liszt olhou para Chopin, sentado próximo ao piano.

— E você, Fréderic? O que pensou?

— Eu?... Oh, sim! Também pensei que fosse... Chopin!

Os convidados riram, encantados com a resposta indecisa de Chopin.

E disse então o pianista húngaro:

— Liszt é Chopin quando quer. E Chopin?... Será Liszt?"

É claro que seria difícil ao *angelical* Chopin tocar como o *diabólico* Liszt.

E que também teria sido uma pena, se George Sand tivesse aprovado o filho Maurice, impedindo os leitores de ontem e de hoje de saborear *invenções* (?) inofensivas, como esta do jornalista Rollinat.

Labim/UFRN

MÚSICOS *FRATERNOS*

É nos Estados Unidos (parece) onde existe maior incidência de duos pianísticos formados por irmãos que, às vezes, são até gêmeos!

Em certa época, isso constituía novidade oportuna e rendosa para empresários, pois a curiosidade de ouvir gêmeos tocando em dois pianos simultâneos atraía grande público e, evidentemente, empresários gostam de músicos que não tocam para cadeiras vazias...

Aliás, a moda de música na *irmandade* é bem antiga, desde o tempo dos Bach, quando os irmãos Emanuel, Christian, Christoph, Wilhelm, seguindo o exemplo do ilustre pai — Johann Sebastian — tornaram-se também compositores.

E antes dos Bach, no século XVII, os irmãos Couperin — Louis e Charles — inspiravam os fiéis, ao som do órgão, na igreja de Saint Gervais, em Paris.

Depois vêm os Mozart — Amadeus e Nannerl — prodígios musicais, tocando o cravo a quatro mãos, em turnês de concertos pela Europa.

No século XIX, os três irmãos belgas Vieuxtemps — Henri, violinista, Lucien, pianista, Ernest, violoncelista — eram músicos de atuação marcante, destacando o mais velho, Henri, que alcançou maior celebridade como professor, compositor e concertista.

Os poloneses Wieniawski — Henryk, violinista e Jozef, pianista — viajaram juntos pelo mundo realizando concertos, principalmente na Rússia e nos Estados Unidos.

Os alemães Scharwenka — Ludwig Phillip e Franz Xaver —

ambos pianistas, compositores e professores, deram importante contribuição à vida musical de Berlim, ao fundar ali um grande Conservatório, em 1871.

Dos dois irmãos, Franz Xaver parecia o mais dotado para o piano, dedicando maior parte do tempo ao estudo e aprimoramento de sua técnica.

Transferindo-se para os Estados Unidos, paralela à brilhante carreira de *virtuose* assumiu a direção do Conservatório de Nova Iorque.

Os russos Rubinstein — Anton e Nicolay — ambos regentes, compositores e pianistas, deram também grande impulso à vida musical de seu país. Anton fundou o Conservatório de São Petersburgo. Nicolay o de Moscou.

A celebridade de Anton, porém, foi muito mais expressiva que a do irmão, ao tornar-se um dos maiores pianistas do seu tempo, só comparável a Liszt.

Os portugueses Sauvinet — Charles e Eugène — tinham ares de franceses... porque eram bisnetos de um rico armador de navios de Bayône.

Herdaram a veia musical do pai violoncelista e da mãe cantora.

Charles compôs operetas e morou algum tempo no Rio. Eugène conquistou os auditórios da Europa com a sonoridade de rara beleza que sabia tirar do seu violoncelo.

Na primeira metade do século XX os duos *fraternos* mais famosos do mundo eram, sem dúvida, o duo violino-piano formado por Yehudi e Hephzibah Menuhin — e o duo pianístico dos irmãos espanhóis José e Amparo Iturbi.

No Brasil, nas décadas de 60 e 70, marcaram época as apresentações dos jovens irmãos violonistas — Sérgio e Eduardo Abreu — pela perfeição de seu entrosamento técnico e interpretativo.

Mara e Waldemar Henrique — canto e piano — atraíram as platéias do Brasil e Portugal, com o seu repertório suave e original de canções inspiradas nas lendas da Amazônia.

Labim/UFRN

INFLAÇÃO OPERÍSTICA

Se em todas as metrópoles, cidades e aldeias houvesse teatros funcionando, da primavera ao inverno, em horários matinais, vesperais e noturnos, mesmo assim não haveria palco disponível para a encenação de tantas óperas que foram escritas, do século XVIII ao XX — centenas e centenas, para não dizer milhares... porque poderia parecer exagero, mas, pensando bem... até não seria.

É incrível a produtividade dos compositores deste gênero tão complicado, ultrapassando, às vezes, a cifra de 100... enquanto Chopin e Brahms não escreveram nem uma!... Beethoven e Schumann se contentaram com apenas uma... assim como Debussy, autor da ópera *Pelleas et Melisande,* na qual dispendeu dez anos de trabalho, quando muitos compositores, ao contrário, seriam capazes de escrever dez... no espaço de um ano.

Rossini, por exemplo, aos 36 anos já tinha feito representar as suas 36 óperas.

A cifra rossiniana, porém, não é das mais elevadas, e o incrível Pacini alcança uma grande dianteira de... 90 óperas.

Mas o recorde parece que pertence a dois italianos do século XVIII — Alessandro Scarlatti e Baldassare Galuppi — ultrapassando a *barreira* do som lírico em mais de 100 óperas!

Os números vão assim oscilando na casa das dezenas.

Cimarosa, 80 — Paisiello, 80 — Leonardo Leo, 60 — Salieri, 50 — Paër, 50 — Auber, 47.

E até os ingleses, pouco dados a fazer óperas, apesar de possuírem em Londres um dos mais afamados teatros do mundo — o Covent Garden — no passado também foram férteis no campo operístico.

Samuel Bird, músico da Abadia de Westminster, compôs cerca de 40 óperas.

Seu compatriota do século XVIII, Thomas Arnes, um pouco menos... 30.

Nesta relação de apenas oito operistas antigos, todos eles estão completamente fora de cartaz.

E só uma vez ou outra, muito raramente, acontece a *ressurreição* de alguma ópera esquecida e enterrada há longos anos, como a *Medéia,* de Cherubini, *ressuscitada* com êxito no Scala de Milão, pela famosa prima-dona Maria Callas.

Óperas não faltam. O que faltam são teatros, cantores e espectadores.

A inflação operística, portanto, seria de produção. Não de consumo.

E uma norma que surpreende na programação das temporadas líricas em todo o mundo, é a reapresentação habitual, limitada a vinte ou trinta entre as preferidas e amadas pelo público, como as de Verdi, por exemplo.

Para quem viveu 88 anos, e sendo o maior operista italiano do século XIX, Giuseppe Verdi não exagerou na *quantidade,* compondo apenas (!) 27.

Entretanto, primou pela *qualidade.*

Pelo menos um terço de suas óperas ainda sobrevive, com sucesso em qualquer teatro do mundo.

Richard Wagner, não excedeu a cifra de 10, primando pela excepcional qualidade e *dimensão* de suas óperas (cada uma valendo por três...).

Não saem de cartaz, sempre atualizadas no famoso festival wagneriano de Bayreuth, atraindo grande público internacional durante o verão, quando são encenadas no grandioso teatro ali construído sob a orientação técnica do próprio compositor, e inaugurado em 1876.

E ainda uma observação: as 15 óperas de Schubert (ou seriam operetas?), pelo menos nos teatros da Áustria, têm sido levadas à cena? (Ou esperam pelo milagre de uma prima-dona para *ressuscitar*...)

Labim/UFRN

UM POUCO DE BOM HUMOR (2)

Contou uma testemunha auditiva e ocular.

No festival de Bayreuth, assistindo a ópera *Siegfried*, de Wagner, pergunta a turista, impaciente:

— Mas afinal, onde está este famoso Siegfried que não aparece?

— Já esteve aí no palco cantando durante uma hora, mas acabou de sair agora mesmo, *madame*... ele foi descansar nos bastidores — responde o alemão sentado na poltrona vizinha.

E pode ser verdade ou não.

Em Paris, nos anos românticos de 1830, após o delicioso jantar em casa de um "nouveau-riche", este pede a Chopin para tocar.

O pianista se esquiva.

O "nouveau-riche" insiste, até com insinuação de que o seu convidado deveria sentir-se bem disposto e inspirado, após ter-se regalado com tantas iguarias finas e raros vinhos.

— Mas... eu comi tão pouco, *monsieur*... — desculpa-se Chopin, intimidado.

Dizia Rossini de seu colega Auber:

"Faz musiquinha como um grande músico".

E depois de ouvir em Paris, a *Missa de Gran*, de Liszt:

"Ele agora compõe *missas* para aprender a rezá-las".

Chegando atrasado ao teatro, informa o porteiro ao casal:

— A orquestra já está tocando a *Quinta Sinfonia*...

Diz a mulher para o marido:

— Então, vamos embora... não vale a pena... já perdemos quatro!

Beethoven, malcriado, irritado, hóspede em Viena no palácio do príncipe Lichnowski; este recomenda ao criado:

— Quando ouvir duas campainhas soando ao mesmo tempo, atenda primeiro *herr* Beethoven.

A mais famosa professora de piano da Europa, *Madame* Long, passou toda sua vida morando em Paris, num confortável apartamento alugado na *Avenue de la Grand Armèe*, de onde contemplava o Arco do Triunfo, bem próximo na *Place de l'Etoile*.

Chegou enfim o dia em que o senhorio queria o seu apartamento de volta. Mas, desalojar o maior patrimônio pianístico parisiense não seria assim tão fácil para qualquer senhorio.

A professora apelou para o seu alto prestígio nas altas esferas. E ganhou a questão: o prazo do seu inquilinato foi prorrogado por mais vinte anos.

Mesmo assim, *Madame* Long não ficou inteiramente satisfeita.

— *Et aprés?*... — perguntou, preocupada — Onde vou morar?

Acontece que, nesse momento, a veneranda professora já tinha comemorado o seu 80º aniversário.

Labim/UFRN

OS MÁGICOS

"O gênio — 10% de inspiração, 90% de transpiração."

Atribuída ora ao compositor da *Nona Sinfonia,* Beethoven, ora ao inventor da lâmpada, Edson — a definição parece correta, pelo menos no que diz respeito à música.

De fato, compor uma obra musical exige tempo, trabalho, suor. É arquitetada lentamente, com inteligência e "métier", isto é, conhecimento e prática do assunto.

O compositor organiza, *compõe...* arruma nos compassos do papel pautado suas idéias e temas que, aparentemente, surgem sem esforço ou... *transpiração.*

A partir daí, tem início o processo da composição, que se pode definir complicado e exaustivo.

Mas, *criar* o tema ou melodia, já é outro assunto. Independente da vontade.

Pode até se esforçar o compositor para encontrá-lo. Mas está perdendo tempo. O tema melódico só aparece quando quer.

É o minuto espontâneo, casual, *inspirado* da criação.

De repente, canta na imaginação do eleito felizardo, sem trazer o endereço de procedência, mas que deve ser numa terra muito rara — chamada Inspiração — onde só habitam raros imortais.

Em sinfonias, óperas, sonatas, enfim, nas obras de maior envergadura, os temas *inspirados* se destacam, em meio ao complexo desenvolvimento da composição.

Peças menores dos grandes compositores têm o seu lugar cativo no imenso auditório deste planeta, como *Reverie,* de Schumann, *Rêve d'amour,* de Liszt, *Serenata,* de Schubert.

Na música popular os mais belos e famosos temas se bastam por si mesmos, sem recorrer à ampliação erudita. Os arranjos vocais e instrumenais se encarregam de lhes dar apoio e arcabouço necessários.

Assim percorrem o mundo, nas versões mais variadas, conquistando a sensibilidade da maioria dos ouvintes.

E, se bem controlados pelos órgãos especializados de direitos autorais, tornam-se minas fabulosas de prata e diamante para os seus mágicos descobridores.

É o milagre da *inspiração.* A magia da melodia, que atrai, envolve, e depois permanece como um patrimônio sonoro da humanidade — *Tenderly, Laura, La mer, Douce France.*

É o som imortal doado pelos mágicos habitantes daquela terra muito rara, chamada Inspiração — Cole Porter, Irving Berlin, Jerome Kern, Charles Trenet, Henri Mancini, Stephen Foster...

Labim/UFRN

PIANISTAS EM DESFILE

Nos anos 40, o palco do Teatro Municipal do Rio poderia ser incluído entre os mais importantes do mundo pela sua programação internacional de celebridades.

E não era só a paisagem da "cidade maravilhosa" atraindo o *grand mond* musical mas, sobretudo, o esvaziamento das platéias européias, motivado pela guerra, tornando a América do Sul a única porta aberta ao mercado artístico, concentrado então nos Estados Unidos.

Eram tempos mais tranqüilos, moeda estável, sem televisão, quando o carioca também parecia mais curioso, ou mais devotado à música, chegando a sentir-se burlado, ao saber que certa celebridade passara diretamente para o Colon de Buenos Aires, sem tomar conhecimento da existência do Municipal do Rio.

E, mesmo não falando em regentes, cantores ou grandes violinistas que aí desfilaram, a lista de célebres pianistas é notável.

A começar por Brailowski — o pianista predileto dos cariocas pelas suas interpretações sentimentais de Chopin.

Rubinstein — menos pelo seu Chopin polonês que pelo seu Albeniz espanhol, desencadeava os frenéticos aplausos finais do programa, com a sua versão antológica de *Navarra*, em que suprimia metade das notas... mas acrescentava o dobro de vida e entusiasmo.

Arrau — usando bigode com ares de galã sul-americano, não era ainda tão célebre, preferindo apresentar-se em auditórios menores, como o do antigo Palace Hotel, situado próximo do Municipal, numa esquina da Avenida Rio Branco.

Borowski — com sua figura de respeitável senhor, parecendo um diretor de conservatório, por um breve momento conseguia desviar do gentil Chopin a preferência dos ouvintes para o sisudo Bach. Isso porque era mesmo um excelente perito do estilo.

Horzowski — um mestre de sua arte, estatura aquém da mediana e cara murcha de garoto-velho estudioso. Quem passasse na Rua Paissandú, diante do sobrado da professora Alcina Navarro, poderia escutá-lo, vagaroso e bem comportado... exercitando a inocente música de Haydn e de Mozart, que depois iria apresentar ao seu público fiel.

Gieseking — ao contrário, alemão de estatura elevada, vermelho como pimentão, dava a impressão de que sua casaca ia romper-se nas costas, quando tocava a *Wanderer*, de Schubert. Em Debussy, porém, seus dedos pareciam transformar-se em nuvens.

Backhaus — outra figura sólida germânica, de cabeleira branca, ar sereno e sério, lembrava um *Kapellmeister* dos tempos de Bach, quando interpretava as 32 *Sonatas* de Beethoven, em recitais memoráveis, deixando os espectadores com a sensação de que nunca tinham ouvido e tão cedo não ouviriam nada de igual no gênero.

Firkusny — tcheco, moço, forte, atraía com o porte elegante varonil a ala feminina. E entusiasmando, sem exceção, a totalidade da platéia, com suas interpretações da *Fantasia*, de Schumann, e das saltitantes *Polcas* do seu compatriota Smetana.

Sandor — húngaro, moço, magro, também elegante, assombrava principalmente os jovens estudantes de piano pela vertiginosa leveza com que tocava as sextas e oitavas da dificílima *Tocata*, de Schumann. Na observação de uma tradicional professora... suas mãos voavam no teclado!

Malcuzynski — grande pianista, baseando sua propaganda como o maior intérprete de Chopin, por mais que se esmerasse não conseguia convencer o público do Municipal de que era superior ao seu ídolo Brailowski... E parece que não era mesmo.

Antonieta Rudge — depois de longo silêncio que a transformava num mito, a pianista afinal reaparece sob a regência do maestro Szenkar, solando o eternamente belo *Concerto*, de Grieg. Noite de glória, reverência e vibração no Municipal.

Labim/UFRN

Maria Antônia — outro mito também ressurgindo do passado, apenas relembrado pela geração anterior que lhe conhecera o talento juvenil. Aplausos, "corbeilles" de rosas, e rostos afogueados, depois de sua contagiante vivacidade, na versão do *Concerto* n. 2 de Saint Saëns.

Guiomar Novais — que se habituara a abandonar a platéia do Rio com raras aparições, resolve reativar sua presença mais constante, para a felicidade geral de seus admiradores incondicionais há um quarto de século, que não economizavam palmas para suas interpretações magistrais da *Sonata op.* 35, de Chopin, ou do *Prelúdio, Coral* e *Fuga* de César Franck.

Madalena Tagliaferro — personalidade inconfundível, passa a dominar a década de 40 na vida musical do Rio. Cada recital é um acontecimento social e artístico. O Municipal resplandece. Elegante, original, grande artista. Inimitável na interpretação dos autores franceses e espanhóis. O *Segundo Improviso* de Fauré em seus dedos voláteis, produzia "frissons" e excitados bravos!

Gulda — aparece como o jovem portador do moderno ensino pianístico vienense. Correto, impecável, disciplinado no estilo clássico de Haydn, Mozart e Beethoven. Para o gosto romântico do ouvinte carioca, parecia um tanto seco e inexpressivo...

Kapell — outro jovem fora do comum. Vulcão assombroso de força, técnica e dinamismo ao piano. Eletrizante na interpretação da *Sétima Sonata*, de Prokofiev.

Byron Janis — estilo transparente e romântico. Execuções exemplares do *Rondó capriccioso*, de Mendelssohn, e do *Jeux d'eau*, de Ravel. Muito sucesso a crédito da extrema juventude, também.

Sansom François — um precursor "hippie". Figura extravagante de longos cabelos... inspirados talvez no seu xará ancestral, o amado de Dalila. Outro vulcão incandescente ao piano. Erros primários, acertos excepcionais. Impressionante a sua interpretação do *Scarbo*, de Ravel.

Monique de la Brucholerie — versão francesa feminina de vulcão pianístico. Provocando assombro a força e rapidez de suas oitavas no *Concerto* de Tchaikovsky deixava em dúvida o auditório: se era ela que ia sair do palco com os braços rebentados... ou se era o piano que ia desmoronar em ruínas.

Com o passar do tempo, o quadro das celebridades sofreu algumas vagas, que vêm sendo honrosamente preenchidas.

Mas, o palco do Municipal não voltou a abrigar tantas, luminosas e feéricas, como na década de 40.

Labim/UFRN

O POBRE E O RICO

Dizem que a penúria é musa inspiradora do artista.

E Giovanni Paisiello teve o *prazer* de conhecê-la bem de perto... Não lhe adiantou compor páginas e páginas de música, inclusive para Catarina da Rússia e Napoleão Bonaparte, pois, quando menos esperava, viu-se arruinado e mais pobre do que o artesão seu sapateiro.

Para sobreviver, teve de usar expedientes, calotes, vigarices... até contra seus colegas Rossini, Cimarosa, Piccini.

Houve porém quem admitisse (seria talvez um de seus invejosos) que Paisiello teria agido de igual modo, mesmo se não motivado pela penúria, porque era inclinado a esse tipo de proceder um tanto impróprio, digamos, a quem fora agraciado pelo dom divino da inspiração para compor quarenta missas... e o mínimo que poderia dar em troca aos deuses, era ser bom pagador...

De Tomazzo Albinoni — italiano, oitenta anos de música entre Mântova e Veneza, no século XVIII — pode-se afirmar não ter sido a penúria sua fiel companheira nem musa inspiradora.

Teve o privilégio de viver tranqüilo, sem problema financeiro ou motivo para se preocupar com o futuro.

Herdeiro de família rica, podia dar-se ao luxo de compor para o seu bel-prazer, tanto que ele mesmo se anunciava como um simples diletante... o que porém não o impediu de fazer sua música inspirada e de elevado padrão estético espiritual — música que ainda hoje, depois de três séculos, ocupa honroso espaço em discos e auditórios, onde vem a seu encontro o ouvinte fiel e interessado.

UM POLONÊS CHAMADO CHOPIN

Nem quartetos nem cantatas. Nem sinfonias nem óperas. Preferiu Chopin o som do piano para exteriorizar seu pensamento musical.

Ao conde Perthuis, ajudante de campo do rei Luís Felipe, dizia ele, certa vez:

— Deixai-me compor só para o piano... é a única coisa que realmente sei fazer.

E numa carta a seu fiel amigo Titus:

"Devo trabalhar para viver... e assim vou arrancando mazurcas de meu coração dilacerado".

Sua música parece o espelho de sua vida. O caráter do artista identifica-se com as composições. O homem e a obra se refletem e harmonizam.

Rivalizava em elegância com Delacroix, e quando os dois se encontravam tinham sempre o que comentar sobre as qualidades de certo alfaiate ou determinado sapateiro, sobre o novo estilo de chapéu e o tecido mais em moda da estação.

Chopin detestava a vulgaridade, o ruído, a violência. Pelo temperamento era inclinado a procurar convivência dos nobres. E ele mesmo tinha a aparência de um príncipe entre os príncipes que o recebiam.

É George Mathias, aluno de Chopin, quem nos traça este breve perfil do compositor:

"Ele tinha a alma inundada de ternura. Uma constituição tão sensível que via mil coisas onde os outros nada percebiam. Sofria por motivos que deixam indiferente a maioria dos homens. Ele

Labim/UFRN

nasceu para ser verdadeiramente a alegria e o encanto de seus semelhantes, mas ao preço de uma vida de sofrimento. E o gênio que inspirou esta vida ao mesmo tempo a destruiu".

Em 1843 dizia Balzac:

"Liszt tem um talento sublime, semelhante ao de Paganini. Mas não se pode julgar Liszt senão depois de ouvir Chopin. O húngaro é um demônio — o polonês, um anjo... Este belo gênio é menos um músico do que uma alma que se torna sensível".

Por sua vez, assim o definia o poeta alemão Heinrich Heine, numa de suas "cartas confidenciais" — coluna que mantinha na *Revista Dramática*, em Stuttgart:

"Chopin é um homem extraordinário. É o favorito desta elite que procura através da música os mais altos horizontes do prazer intelectual. O seu sucesso é de natureza aristocrática. Sua glória é perfumada pelos louvores da alta sociedade. Ele possui o mais nobre coração. E é necessário conceder-lhe o nome de Gênio... em toda plenitude que possa conter esta palavra. E nada pode se comparar ao sentimento que nos invade quando ele improvisa ao piano. Neste instante Chopin não é polonês, nem francês ou alemão. Procede de uma origem mais elevada. Vem de um país de Mozart, de Rafael, de Goethe. Sua pátria verdadeira se chama Poesia".

VARIAÇÕES NOVAS PARA VELHOS TEMAS (1)

Contam que, certa noite num café-concerto em Moscou, encantado com a música tocada pelo violinista da orquestra, lhe teria dito Rachmaninov:

— Que bela melodia... o que eu não daria para tê-la imaginado antes!...

— Está ao seu dispor, maestro... pode usá-la como quiser — ofereceu o violinista.

E Rachmaninov a intercalou no terceiro movimento do seu mais belo *Concerto* para piano e orquestra — o n. 2 em dó menor.

Sendo verdade... é pena ter ficado no anonimato o nome do inspirado e desprendido violinista.

Uma gravura registra a cena.

Certa manhã em Viena, carrancudo e mau-humorado, Beethoven permanece sem tirar o chapéu à passagem do imperador, enquanto ao seu lado, Goethe se curva numa reverência elegante e respeitosa.

Para o músico, o gesto era servilismo.

Para o poeta apenas o trivial exercício da etiqueta e disciplina.

Conhecido de melômanos e gastrônomos, Rossini era compositor e... *cozinheiro*. Tanto sabia fazer óperas como preparar pratos deliciosos e inventar receitas culinárias.

O *tournedos à Rossini*, por exemplo, está no cardápio de todo restaurante civilizado.

Pena que o autor do *Barbeiro de Sevilha* também não tivesse

Labim/UFRN

editado uma *partitura* de receitas, reunindo as suas *composições de sabores...*

Quando se fala no problema *censura* não se imagina quando ou porque ela pretende usar a *tesoura.*

Em 1843, a ópera de Verdi — *Os Lombardos* — encontrou forte pressão do arcebispo de Milão, tentando impedir a representação.

E tudo por causa de um simples batismo... em cena.

Como houve a estréia da ópera, presume-se que a cena proibida tenha sido *tesourada.*

E muito tempo depois, quando soube do fato, comentou um observador que gostava de trocadilhos:

— Por causa de um *batismo* quase a ópera deixou de ser *batizada.*

Hans von Bulow, grande pianista e regente, aluno de Liszt. Casou com a filha do professor — Cósima — que dele se divorciou para casar com Richard Wagner... o que não impediu que von Bulow continuasse a ser um dos mais entusiastas admiradores e divulgadores do músico que lhe roubou a mulher!...

Dá até para desconfiar que estivesse ansioso que isso mesmo acontecesse...

Vivendo em pobreza quase franciscana, mesmo assim contente e inspirado, compondo música suave e terna, Franz Schubert consegue enfim algum dinheiro, após realizar o seu primeiro concerto, que lhe permite comprar o seu primeiro piano.

Mas não tinha mesmo sorte o pobre Schubert: meses depois contrai o tifo e morre.

E talvez por medo do contágio, nem os amigos da boemia nos cafés de Viena foram lhe prestar a última homenagem.

Apenas o seu magro cão fiel... diz a lenda.

Antigamente, ou os relógios eram preguiçosos e andavam mais devagar ou as horas tinham mais de sessenta minutos, porque...

não sabemos onde os compositores iam arranjar tempo para escrever tanta música.

E basta um só exemplo: o italiano Alessandro Scarlatti, do século XVIII. Autor de mais de 100 óperas, 600 cantatas, 200 missas... e ainda sinfonias e compêndios didáticos. E isso porque viveu apenas 65 anos, senão... teria ido muito mais longe.

Albert — o quinto e último de um nome bastante extenso — Francis Charles Augustus Emanuel — pertencente a um antigo e simpático cidadão inglês do século XIX, possuidor de vários títulos — protetor das artes, diretor da Filarmônica de Londres, compositor de missas, óperas e canções, duque de Saxe Coburgo Gotha, príncipe consorte e enfim, o título que talvez mais apreciasse... *marido* da rainha Vitória!

Labim/UFRN

OS *CONNAISSEURS*

Expert em inglês, *connaisseur* em francês — é o conhecedor... o entendido profundo deste ou daquele assunto.

Um conto interessante de Somerset Maugham refere-se a um deles, especializado em pedras preciosas que, para não abalar o crédito conjugal de uma dama virtuosa... resolveu confirmar que eram falsas as pérolas do seu colar, quando tinha certeza de que eram verdadeiras, e nunca poderiam ter sido adquiridas numa loja de bijuterias, como dissera a esposa ao seu pacato marido.

São fantásticos os *connaisseurs* de pintura, a ponto de identificarem como falsas as mais perfeitas cópias de quadros célebres, feitas por talentosos cultores dessa forma pirata de arte que tem ludibriado não só incautos como sagazes milionários colecionadores.

Deve ser anedota, mas... dizem que num concurso de interpretação de músicas de Albeniz, este teria perdido... para um outro pianista desconhecido.

E também contam que algo de parecido aconteceu com Charles Chaplin, vencido por um concorrente que imitou muito melhor do que ele mesmo, o seu famoso personagem Carlitos.

No mundo da Música, o *connaisseur* é um cidadão muito freqüente, inclusive nas colunas jornalísticas da crítica especializada.

E alguém presenciou esta cena.

Numa agradável reunião, depois de tocar quase uma hora, a pianista encerra o programa.

Tido como grande conhecedor de música, comenta o anfitrião:

— É pena que não nos tenha dado Bach!

— Oh! Mas eu só toquei Bach! — confirma a pianista, assombrada.

E acrescentou o informante:

— O anfitrião era mesmo um conhecedor do assunto e, depois, confidenciou a alguns amigos que, de fato, a pianista só tocara Bach, mas... não havia *dado* Bach, isto é, sua interpretação bachiana não era autêntica. E por isso... irreconhecível.

Porém, não parou aí a narração de quem assistiu a noite agradável de música:

— Por sua vez, um admirador da pianista, muito confidencialmente, entre amigos, levantou a hipótese de que o anfitrião não teria mesmo identificado a música de Bach, porque realmente não a conhecia, mas, para não perder a fama de profundo entendido do assunto, com muita inteligência e astúcia, forjara a desculpa da "falta de autenticidade bachiana..."

E não querendo deixar em brancas nuvens a sua opinião pessoal sobre este antigo episódio em que a música e o nome de Bach estão envolvidos, concluiu o narrador:

— A pianista não era nem bonita nem muito jovem, mas, para o meu pouco entender... ela tocava com bastante vigor e entusiasmo... Só não posso garantir se era mesmo Bach, Beethoven ou Villa-Lobos. Mas, se fosse Chopin... ou Strauss!... Eu teria reconhecido imediatamente.

Labim/UFRN

DIVULGAÇÃO MUSICAL

Com o advento da televisão, pensaram os comodistas que não mais teriam que sair de casa, porque os melhores programas musicais viriam ao seu encontro no conforto de suas poltronas.

Entretanto, não tem sido bem assim.

A televisão, o disco, o rádio, o cinema, de fato concorrem para a difusão da música, mas não conseguem transmitir a completa emoção de uma audição ao vivo.

E pesquisa recente feita nos Estados Unidos revela que, tanto mais se vendem rádios ou televisões, mais pianos são vendidos e mais se amplia a freqüência nos auditórios.

É que o público não se contenta apenas em ouvir. Também quer ver de perto o artista, acompanhar os seus movimentos, a sua expressão facial e... até presenciar os seus *deslizes* do momento... já que "errar humano é".

O mesmo pode ser aplicado ao teatro, que muitos pensam estar em declínio e condenado ao ostracismo por causa do cinema.

Nas cidades mais civilizadas, porém, o público ainda prefere e não abandona as representações teatrais.

Em Londres, por exemplo, nem sempre é fácil conseguir ingresso de última hora para um de seus 44 teatros que funcionam diariamente.

Graças à gravação em disco, dezenas de músicas vêm atingindo elevado índice de divulgação hoje em dia. Como *Clair de lune*, de Debussy — uma das mais ouvidas nos últimos tempos, através da bela versão orquestral do famoso regente Leopold Stokowski.

Nesta obra-prima da música francesa, é notável a força descritiva da Música.

Só a própria Natureza poderia igualar a beleza dos sons que Debussy imaginou, e nos quais parece estar impregnada a transparência quase monótona da luz lunar, perdida na distância entre as nuvens, ou refletindo em calmos lagos azuis, ou mesmo no verde de uma simples hortaliça... como *viu* certa noite o poeta Carlos Drummond de Andrade:

"Fora, no quintal, o luar do Natal abençoava os legumes..."

O cinema tem sido fator relevante na difusão do gosto pela música.

É verdade que nem sempre os produtores de Hollywood primam pela total veracidade biográfica, romanceando a vida dos compositores, como a de Chopin... no belo filme *À Noite Sonhamos...* que ainda continua sendo um recorde mundial de bilheteria e de reprises.

Outro filme inesquecível — *Sinfonia Inacabada* — na década de 40, durante meses consecutivos em cartaz, atraía as multidões fascinadas pelos amores de Schubert, suas belas melodias, e a voz encantadora da protagonista Martha Eghert.

Será difícil novamente reunir uma equipe de técnicos, desenhistas, músicos, a orquestra de Stokowski e, principalmente, a genialidade de Walt Disney, na produção de outro espetáculo áudiovisual tão fascinante como o do filme *Fantasia*, que continua deslumbrando as platéias, obra-prima da imaginação artística, em que os desenhos e o colorido dão forma plástica à idéia musical.

Para cada partitura Walt Disney criou uma interpretação genial.

Desenhos geométricos — para o classicismo da *Tocata e fuga* em ré menor, de Bach.

Bosques mitológicos — para a *Sinfonia Pastoral* de Beethoven.

A criação do mundo — para os rudes acordes da *Sagração da Primavera*, de Stravinsky.

Elefantes flutuando como plumas — para a leveza da *Dança das Horas*, de Ponchielli.

As aventuras de Pluto e Mickey Mouse — para o poema sinfônico *O aprendiz de feiticeiro*, de Paul Dukas.

Labim/UFRN

Ao que tudo indica, *Fantasia* parece ter sido uma realização cinematográfica genial e... intocável.

Mas, há sempre uma nota dissonante e, em Paris, segundo um testemunho *audiovisual,* a viúva do compositor Paul Dukas não gostou da idéia de *Monsieur* Disney, transformando o aprendiz em um *cão*... e o feiticeiro em um *rato.*

— *Monsieur* Goethe, o poeta da balada que inspirou o meu marido... se ainda estivesse vagueando pelo mundo dos vivos, certamente não teria aprovado — completou a descontente viúva.

E a verdade é que, através de Pluto e Mickey Mouse, a interessante partitura sinfônica de Paul Dukas obteve a grande divulgação mundial que, certamente, não teria alcançado se permanecesse limitada aos ouvintes freqüentadores dos convencionais auditórios de música erudita.

ENTREVISTA

Uma tarde, em que Debussy estava na pequena biblioteca da *Societé Nationale*, pondo em ordem livros e partituras na estante, surge na sala, de surpresa, uma jovem inglesa, lourinha e risonha:

— Oh! Desculpe-me *mister* Debussy... sou jornalista e... *pardon, pardon*... não sei bem falar francês, mas... eu escrevo para uma revista de Londres e gostaria... *well*... não quero interromper a sua arrumação dos livros, mas... eu gostaria que me respondesse algumas pequenas perguntas... *c'est possible*?...

— *Oui, mademoiselle*... com prazer...

— Oh, *thank you, mister* Debussy!... a primeira pergunta é... qual a virtude que mais aprecia?...

— O orgulho... a altivez...

— Oh!, *very, very* interessante... e... no homem, qual a principal qualidade?

— ... a vontade...

— E na mulher?

— ... o charme...

— *Mister* Debussy, tem algum passatempo favorito?

— Ler, fumando cigarros complicados...

— Oh!, sempre pensei que todos os cigarros fossem iguais... não sabia que também existem os complicados... mas, *please!,* diga-me... acha que tem um traço mais característico em sua fisionomia?

— ... talvez... os cabelos!

— Oh, *yes, yes*... eu diria os cabelos e os olhos... eles são muito negros e penetrantes... e... o que pensa ser a felicidade?...

— ... amar...

Labim/UFRN

— Oh, *beautiful!... Love! Amour!...* Paris é a cidade do *amour!...* e... o que pensa ser a infelicidade?

— Sentir muito calor...

— Oh, oh, oh! *It is funny!* Absolutamente engraçado!... É a primeira vez que ouço alguém resumir a infelicidade numa simples sensação de temperatura... Oh, oh, oh! Os leitores de Londres vão adorar esta resposta, e... *mister* Debussy tem, por acaso, uma cor ou uma flor favorita?...

— ... violeta...

— E... se não fosse quem é... quem gostaria de ser?

— Marinheiro...

— Oh, oh, oh! *It is wonderful!...* Absolutamente maravilhoso e... diga-me, *mister* Debussy... onde gostaria de viver?

— Não importa onde... fora do mundo...

— *Wonderful!...* Os artistas parecem que já vivem mesmo no mundo da lua... e que escritores gosta de ler?

— Flaubert e Edgar Allan Poe...

— Tem um poeta favorito?

— Baudelaire...

— Que pintores gosta mais?

— Boticelli, Gustave Moreau...

— E os compositores?

— Palestrina, Wagner, Bach...

— Na vida real tem algum herói ou heroína que mais aprecia?

— Skobeloff e Madame Beaumont...

— Oh! Nunca ouvi falar nem num nem noutro!... E nos livros que leu, tem algum herói preferido?

— Rosalinde e Hamlet...

— Sobre comida e bebida...

— Gosto da cozinha russa e de café...

— Eu também adoro *strogonoff...* e... quanto a nome de pessoas, *mister* Debussy, tem algum que ache mais interessante?...

— ... isso depende da pessoa...

— Oh, *yes, yes...* é verdade... e... o que mais detesta?

— ... os diletantes... e as mulheres muito bonitas...

— Oh, oh, oh! Também as mulheres bonitas?... Está brincando... não posso acreditar! E agora... só mais um momentinho, *please...* faltam apenas algumas pequenas coisas que eu quero saber para terminar o meu questionário... *please...* qual o personagem da História que menos gosta?

— Herodes...

— Oooh, *my God!* Que terrível é este Herodes!... E... *tell me,* para que faltas tem mais tolerância?

— ... as faltas de Harmonia...

— Que ideal de ação lhe inspira?...

— ... sempre mais alto...

— E qual o seu estado de espírito presente?

— Triste, preocupado, inquiridor, indeciso... exceto hoje, dia 16 de fevereiro de 1889...

— Oh, *thank you, very much...* acabou o meu questionário... *you are very nice mister* Debussy... e agora, vou tentar fazer algumas perguntas a *mister* César Franck... estou ansiosa para ouvir amanhã a sua sinfonia... *mister* Debussy irá ao concerto de amanhã?

— *Of course... miss...*

— Oh! *Do you speak English? It is marvelous!* Absolutamente maravilhoso! Eu espero ver *you* amanhã na sinfonia de *mister* César Franck... *Thank you, very much, mister* Debussy... *Very much!,* à *demain!...*

Labim/UFRN

PÉROLA *BRASILEIRA*

Contemporâneo de Berlioz, o francês Félicien David mereceu quase igual admiração pela forma superior com que sabia orquestrar suas "odes sinfônicas".

A competência orquestral de Berlioz, porém, até hoje não tem sido contestada, enquanto Felicien David caiu no rol dos esquecidos e sua música deixou de ser programada.

Vindo de uma pequena localidade campestre, chegou a Paris em 1830, um ano antes de Chopin, em plena efervescência do Romantismo, com a modesta pensão de cinqüenta francos, que lhe favorecia o tio.

Ingressou no Conservatório e... no partido místico-político dos "sansimonianos", que o levou ao Oriente, integrado numa peregrinação de pregadores da nova filosofia.

Em Constantinopla e no Egito sentiu-se atraído pelo exotismo dos cantos orientais, que passou a usar em sua música, tornando-se pioneiro desse estilo que veio a influenciar compositores como Rímsky-Korsakov, Saint Saëns, Ketelby, Debussy, Cyril Scott.

Na sua produção musical, entre muitas "odes sinfônicas" *(A Egípcia — Brisas do Oriente — O Deserto — O Beduíno — Moisés no Sinai),* surge apenas uma ópera — *Pérola do Brasil!* — encenada com grande êxito no Teatro Lírico, de Paris, em 1851.

É curioso imaginar, em que fonte o compositor teria pesquisado o assunto exótico de sua ópera?

Não há notícia, porém, de que ele tenha cruzado os mares com peregrinos sansimonianos para ouvir os cantos tribais das selvas amazônicas...

Por outro lado, é certo que o exemplo do *Índio Guarani* de Carlos Gomes, nada teve a ver com a *pérola brasileira* de Félicien David, porque... em 1851... o *Nhô Tonico* de Campinas ainda nem tinha chegado ao Teatro Provisório do Rio de Janeiro... quanto mais ao Scala de Milão!

Labim/UFRN

VARIAÇÕES NOVAS PARA VELHOS TEMAS (2)

Antes de romper com São Pedro em Roma, Lutero era um simples cantor ambulante. Depois, por uma dessas coincidências, que raramente acontecem no destino de um mortal, viu-se à frente de tarefa quase impossível, qual a de mudar o que achava que não estava certo na religião católica.

E assim, fez a Reforma.

Seus seguidores *protestantes* passavam a reverenciar Cristo sob novo prisma inteiramente fora dos hábitos apostólicos romanos.

Mas, no íntimo, Lutero era um trovador. E talvez tivesse até preferido continuar com a sua rotina de déu em déu, cantando e respirando o ar puro dos campos nos arredores de sua aldeia natal na Saxônia.

Via na Música o poder de operar todos os milagres, mesmo o de tornar os homens... mais humanos.

Compôs hinos e canções para a sua nova igreja. E a uma delas intitulou *Frau Musika*... Senhora Música.

Em sua ópera *Huguenotes*, Meyerbeer incluiu uma das melodias de Lutero.

Um francês de Bordeaux — Bernard Sarrete — não tinha a menor intenção de ser *virtuose* ou compositor. Seu ideal limitava-se a desenvolver e ampliar a vida musical de Paris.

E viveu 93 anos para ver o seu sonho realizado.

Quando muito jovem, oficial durante a Revolução, formou a banda militar da Guarda Nacional, constituída de 45 homens que, depois do *14 de Julho*, transformou-se numa escola que, por

decreto oficial, passou a Instituto de Música e, finalmente, Conservatório de Paris.

E quase 200 anos depois, o estabelecimento de ensino por onde têm passado tantos nomes imortais da música universal, ainda ali permanece, com a marca do tempo e da glória, no mesmo velho prédio próximo do *boulevard Poissonière*, promovendo não só o desenvolvimento musical de Paris, mas também de boa parte do mundo.

Paganini — o maior violinista do século passado, sabia tocar com quatro, três, duas... e até com uma só corda no seu violino.

Vida singular e aventureira, às vezes desaparecia por longo tempo. E outras vezes cismava de passar dias e dias alimentando-se apenas com chocolate e camomila.

Também cismava, com obsessão doentia, ficar repetindo dez horas seguidas um só compasso difícil... para desespero de seus vizinhos, provavelmente.

Não se tem notícia de que este exagero lhe tenha causado artrite ou algum problema neuromuscular. Sabe-se porém que morreu em Nice, até relativamente não muito velho, aos 58 anos de idade. Tuberculoso da laringe.

Baseada na altura e nos braços atléticos de uma antiga pianista polonesa, condições físicas, evidentemente, mais apropriadas ao basquete ou ao boxe do que ao delicado ofício de tocar piano... a crônica visual e oral (que bem pode ser verídica) refere-se ao fato de que — certa vez num recital, a fim de lhe possibilitar a posição correta de sentar na distância favorável para dar início ao seu *esporte* pianístico com as teclas — a conterrânea de Chopin teria puxado o piano para mais perto de si (com a mesma fleuma de um carregador português)... em vez de levar o banco para mais próximo do piano.

Imagine-se a cena! Verdade ou não, a crônica é engraçada, e desopila o fígado.

É que neste mundo versátil da Música, se vê, se sabe, e também se *ouve* muita coisa... além de música.

Labim/UFRN

MUDANÇAS E... *MUDANÇAS*

Na vida do músico certas mudanças são benéficas.

Quando jovem (por ex.), se começa a pensar que nada mais tem a aprender, é sinal de que está precisando, com urgência, mudar de professor, para tomar contato com novo método de ensino que, talvez, até lhe possa favorecer algum progresso.

Assim, também deve mudar de instrumento, o quanto antes — seja de piano para trombone, ou até de flauta para contrabaixo — se descobre que está aprendendo aquele que não é de sua predileção e que, muitas vezes, pode lhe ter sido imposto pela escolha dos próprios pais, simplesmente por apreciarem mais aquele do que um outro.

Mudar de cidade (e até mesmo de país) é bom para o músico no início da profissão, a fim de respirar novos ares, ampliar horizontes, armazenar experiência, conhecendo talentos e individualidades versáteis, para saber avaliar a sua própria identidade.

E, chegando a se tornar um profissional, nada de melhor lhe poderá acontecer do que a chance de estar sempre em turnês, mudando de terra em terra, expandindo o seu profissionalismo e colhendo louros e pratas...

Outra mudança importante é a de repertório. Significa renovar as surpresas da Música, na sua imensa e rica variedade.

Repetir as mesmas peças, anos a fio, embota a imaginação do intérprete. Ele passa a se expressar como um autômato, robô inexpressivo e descolorido. Falta-lhe sempre o enlevo da inspiração. Cansa a si mesmo. E aos que o escutam.

Mesmo que se especialize em determinado estilo, por força

de afinidade ou tendência espontânea, a mudança de autores estimula a imaginação do intérprete, levando-o da filigrana rococó de Mozart à transparência impressionista de Debussy, da disciplina clássica de Bach, ao colorido rítmico de Albeniz, ou lirismo moderno de Prokofiev.

Nada mais sedutor e gratificante para o lazer do espírito do que o "hobby" musical.

O amador é um artista desobrigado de satisfazer a exigência e gosto alheio. Ele faz música para o seu bel-prazer.

Porém, a insistência em ser um profissional sem ter nascido com os dons indispensáveis não chega a ser um caso de polícia... mas de contra-senso, que deveria ser mudado a tempo para evitar as frustrações futuras.

No tempo em que o mestre mandava e o aluno obedecia, em São Paulo, o conhecido professor Cantú, com a sua franqueza exuberante italiana, provocou crise de choro inconsolável numa jovem filhinha de *mamãe coruja*... quando aconselhou que seria bem melhor tentar ser chapeleira... em vez de pianista.

Não há notícia de que a mamãe coruja tenha concordado com essa *mudança* radical no destino artístico de sua filhinha, nem se terá ido em busca de outro professor menos rude, que soubesse ensinar um método miraculoso para descobrir e desenvolver o talento do seu geniozinho desconhecido!... E injustiçado.

Não foi por livre vontade que Schumann decidiu *mudar* a profissão de músico para a de... advogado.

Assim exigiu o professor Wieck, pai da jovem pianista Clara, com quem ele estava louco para casar.

Mas, no fim tudo veio a bom termo, com o pai professor, a filha pianista e o genro compositor vivendo sob o signo da doce *harmonia* familiar.

Numa enquete promovida nas universidades americanas, Toscanini foi indicado o maior regente, Heifetz o maior violinista, Horowitz o maior pianista.

Rubinstein não gostou do segundo lugar. E, em sinal de protesto *mudou* sua residência de Los Angeles para a cidade-luz... Paris!

Labim/UFRN

Aliás, dizem que o pianista era campeão de *mudanças* em Los Angeles, onde morou em dezenove endereços diferentes — o que parece incrível... ou anedota.

A *mudança* de Magda Tagliaferro na juventude, a conselho de Alfred Cortot, teve vida breve.

Depois de alguns meses gorjeando em recitais de canto (e dizem que até gorjeando muito bem com a sua voz de "mezzo-soprano") voltou correndo ao piano — o seu primeiro amor... sempre fiel e glorioso.

Friedrich Gulda — jovem e famoso pianista da Áustria, parece ter cansado de seus compositores favoritos — Mozart e Beethoven — *mudando* de armas e bagagens para Dave Brubeck, Billie Evans e outros craques do jazz.

E assim vem exibindo com sucesso o seu *new look* pianístico, dando um toque vienense de valsa de Strauss, no seu *calouro* jazz americano.

PEQUENOS ENGANOS

Quando veio a Paris, em 1832, o famoso pianista irlandês John Field ficou apreensivo ouvindo falar, em todas as rodas musicais, de um moço polonês que também sabia compor "noturnos" maravilhosos.

Ora, havia sido ele — o grande John Field, o pianista de sonoridade incomparável — quem inventara aquele estilo de peças delicadas, evocadoras de murmúrios e mistérios da noite.

Mas, o que poderia fazer contra a inesperada concorrência? Nada. E limitou-se a propalar por toda Paris o que pensava do seu rival:

— Tem talento, *mister* Chopin, mas... é um talento próprio para quarto de enfermo...

E o irlandês tinha um amigo alemão que também não podia admitir que existisse alguém sob o sol capaz de compor *noturnos* mais divinos do que os dele. Era o crítico Rellstab que, na primeira oportunidade, lançou o seu ataque implacável:

— Onde Field sorri, Chopin faz careta. Onde Field alça os ombros, Chopin contorce o corpo...

Anos depois Rellstab reconheceu o lamentável engano. E como projetasse fazer uma viagem a Paris, pediu a Liszt uma carta de apresentação para Chopin.

Não temos notícia de como terá decorrido o diálogo entre o compositor e o crítico. Sabemos apenas o que pensou Chopin, quando ouviu John Field tocar. Sua opinião também foi breve e mordaz:

— Field?... Toca como um principiante.

Labim/UFRN

E continuou a compor, cada vez mais perfeitos, os seus originais *noturnos*.

Em Paris — 1884 — noite de 19 de janeiro.

Os cartazes à entrada do teatro da *Ópera Comique* anunciam a *première* de *Manon*, a nova ópera de Jules Massenet, baseada no famoso romance de amor do abade Prevost.

O público aplaude em delírio. Os elogios da imprensa são unânimes. Só o crítico do *Radical*, Henri Maret, salpica seus comentários com algumas gotas de sarcasmo:

"... *monsieur* Massenet não entendeu, ou... certamente, nunca terá lido o romance do abade Prevost. Deste quadro singelo ele fez um pavoroso mural. A graciosa e elegante Manon transformou-se numa irrequieta Walkíria..."

Discreto, a voz sem timbres amargos, comenta Massenet, ligeiramente intrigado:

— Ora, ora... trabalha-se como um antigo escravo das galés, até às quatro da madrugada, e depois... algumas linhas escritas facilmente, em poucos minutos, pretendem mostrar falhas onde não existem. Que *monsieur* Maret tivesse criticado um outro ponto da minha *Manon*... muito bem! Mas... dizer que eu nem mesmo li o romance do abade? Ah, isso não!... É porque ele não sabe que me desloquei de Paris até a Normandia, e lá permaneci, durante semanas, escrevendo a minha ópera, na mesma casa onde o abade Prevost escreveu o seu livro... Ah, e vá se saber o que querem os nossos ilustres críticos!...

HINOS

Henry Carey ou John Bull?

Qual terá sido o autor do hino inglês *God save the King*?

Em 1822 o erudito musicólogo Clark, detentor de mestrados em Cambridge e Oxford, anunciou o seu veredicto, baseado talvez no direito de antiguidade: John Bull era o autor.

Mas os britânicos de hoje não estão interessados, ou nem mesmo sabem disso quando cantam o seu hino, louvando a Deus para que salve o seu Rei *(King)* ou a sua Rainha *(Queen)* — se é uma Elizabeth ou Vitória que no momento ocupa o lugar de um Henry ou George.

Enquanto isso, ainda existem musicólogos eruditos cismando que o hino seja de autoria do maior compositor inglês do século XVII — Henry Purcell — baseados não só no direito de antiguidade... mas também no fato de ter sido Purcell um músico muito ligado à Corte de Londres, compondo dezenas de hinos especialmente para comemoração e pompas reais.

O *God save the King*... (quem sabe?) bem poderia ter sido um deles...

Fosse de Carey, de Bull ou de Purcell — isso não interessava ao imperador da Áustria. O que ele queria era um hino para o seu país, tão belo e majestoso quanto o da Inglaterra.

Para musicar a letra do poeta Haschka, louvando o imperador foi convocado nada menos que o célebre Joseph Haydn.

Mas, pouco durou a louvação imperial, porque chegou a República, trazendo novos objetivos para serem *louvados*, e modificando velhos hábitos e pensares na terra dos austríacos, inclusive

Labim/UFRN

a letra do seu hino, sem ousar, porém, tocar na melodia do célebre Haydn... que, tempos depois, mais uma vez permaneceu *inviolada*... quando o Nazismo prolongou-se pelas margens do Danúbio Azul.

Há muito os alemães tinham uma poesia patriótica, *Deutschland über Alles* ("Alemanha acima de tudo") à procura de uma melodia condigna.

Com a *Auschluss* — anexação das terras austríacas ao seu território — também a música de Haydn foi *anexada* às palavras de sua poesia patriótica.

Aliás, o hino do Brasil — sem favor um dos mais belos — passou por algumas peripécias e adaptações, desde que foi composto por Francisco Manuel da Silva, em 1831, ano da abdicação de D. Pedro I.

E, pelo menos até 1909, era cantado com letras diversas, e mesmo sem nenhuma, quando então surgiu a definitiva, de autoria do poeta Osório Duque Estrada.

Mesmo assim, ainda teve que esperar até 1922... para ser enfim aprovada pelo Congresso Nacional.

O hino francês é o rival mais próximo do brasileiro, pela expressiva beleza da cadência rítmica e inspiração melódica.

Editado em 1792 como "Canto de guerra para o exército do Reno", tornou-se universal sob o título "A Marselhesa".

E também esperou quase um século para ser promovido a hino nacional — 1879 — por decisão da Assembléia Constituinte, na III República da França.

SONATA E NOIVADO

Criada em Paris há alguns anos pelo mestre Saint Saëns, com o objetivo de dar aos jovens músicos franceses a chance de apresentar suas obras perante um público atento e selecionado, a noite de 27 de janeiro de 1877, na *Societé Nationale* constitui grande surpresa, até para o compositor Gabriel Fauré.

Ele ao piano e Marie Tayau ao violino tocam pela primeira vez a *Sonata* em lá maior.

E desde os compassos iniciais a música envolvente, apaixonada, melodiosa, conquista o auditório.

A simpatia pessoal do jovem compositor parece ter sua parte importante nessa conquista, principalmente na ala feminina... onde a ouvinte mais atenta e sensibilizada é Marianne Viardot, charmosa *mademoiselle* de olhos perigosos e cabelos negros.

O sucesso é tal, que leva a uma segunda audição. Mestre Saint Saëns é o admirador número um da sonata, mas Fauré resolve dedicá-la ao jovem violinista Paul, irmão de Marianne.

Pairando na glória, ele sente o prestígio aumentar na casa de Louis e Pauline Viardot, os pais da *mademoiselle* charmosa. E um dia armando-se de coragem pede a moça em casamento.

Naturalmente que recebe a desejada resposta favorável... e então, pairando no sonho, murmura ao ouvido da noiva:

— Sei que você me acha às vezes um pouco turbulento e desconfiado, mas prometo ser um marido... suave e tranqüilo.

A suavidade prometida, porém, não dura muito... e já no verão seguinte, cansada de alternativas doces e turbulentas, a charmosa Marianne acaba o noivado.

Labim/UFRN

Um tanto surpreso, o *charmoso* Fauré vai convalescer da desilusão amorosa e... de uma rebelde faringite, nos ares mais puros dos Pirineus...

QUINTETO E CIÚME

Em 1881, quando termina de compor as dezenas de páginas do seu *Quinteto* em fá menor, César Franck está longe de supor a incompreensão e palavras rudes que o esperam na noite da primeira apresentação, promovida pela *Societé Nationale.*

A presença do mestre Saint Saëns ao piano, já é garantia de uma bela execução. Quase escondido numa cadeira ao fundo da sala, César Franck ouve timidamente a sua música. O público aplaude. César Franck sorri, quase incrédulo. Seu amigo Vincent D'Indy, secretário da *Societé Nationale,* parece muito entusiasmado. Os alunos cercam-no de sôfrega admiração.

E então surge o imprevisto.

Sem se saber porquê, o pianista Saint Saëns mostra aquela cara de gelo, não quer conversa com ninguém, e deixa a sala jogando sobre o piano, com pouco caso, a partitura do *Quinteto* que, por sinal... lhe é dedicado.

E ainda atônito, sem entender o procedimento do amigo, César Franck estremece quando se defronta com o rosto afogueado da mulher.

Madame Franck está rubra de ciúme...

O que ela conclui, escutando de um e de outro, é a surpresa de todos, ante o tom apaixonado daquela música do marido.

Quem poderia supor que o pacato organista da igreja de Santa Clotilde, tivesse assim oculto... tanto fogo interior... tanto ardor apaixonado?

E as coisas pioram, quando *madame* Franck começa a desconfiar que a *musa inspiradora* do marido é a sua aluna Augusta Holmes, jovem famosa pela inteligência e deslumbrante beleza.

Labim/UFRN

A vida do modesto César Franck passa a um verdadeiro tormento. Ele já entra em casa encolhido, com medo de uma cena, sem saber mais o que inventar para que a mulher se convença de que a linda *mademoiselle* Holmes é apenas sua aluna... e nada mais.

— Ah, *mon Dieu*! — desabafa o compositor — Quanta tempestade pelo simples fato de ter eu composto música com tanto amor... e tanta paixão...

PARA MELHORAR DE SORTE

Num tempo distante, há meio século no mínimo, aqui mesmo pelo Brasil, e seria igual em outros países, certamente — o pianista, cantor, violinista ou qualquer tipo de artista... declamador, sapateador etc. que desejasse ganhar a vida se exibindo ante as platéias... chegava de surpresa na pequena cidade, hospedava-se no único e precário hotel *zero* estrela, saindo em campo para travar a sua *batalha*, que tinha início com a visita protocolar (de paletó e gravata, se fosse homem — bolsa e chapéu, sendo mulher) ao senhor prefeito e demais autoridades, a fim de solicitar o honroso patrocínio, quase sempre munido com uma carta de apresentação de influente político, que reforçava o prestígio do seu dossiê de glória e sucesso em outras plagas, registrado no infalível precioso álbum com recortes de jornais, fotos, críticas, programas.

Comprovada a *eficiência* artística, obtinha o patrocínio... e então, sentindo-se mais seguro sob a égide oficial... o artista visitante empenhava-se na tarefa mais esperançosa e complicada, que era a de *passar a casa!*, isto é, vender de um em um os ingressos para a sua exibição.

Se despertava maior simpatia, ou se a carta do político era bastante forte... o patrocínio podia significar a compra integral dos ingressos, pela verba municipal.

Se não... o visitante artístico tinha que se transformar em vendedor ambulante... ocupação que poderia lhe exigir dias e dias, causando inclusive problemas com o hoteleiro do zero estrela!... temeroso de um possível calote...

Enfim, cansado ou animado (segundo a cotação da praça e con-

Labim/UFRN

seqüente sucesso da vendagem dos ingressos) entrava no palco, para cumprir a sua gloriosa missão de "embaixador da Divina Arte" — como era então nomeado, prazerosamente, pela imprensa local.

Margarita Rinata, balzaquiana à véspera de aposentadoria compulsória do "bel-canto", preencheu todas as formalidades e cantarolou as suas árias de Puccini, Donizetti e Carlos Gomes ante o seu arregimentado público.

Uma das espectadoras a reconheceu:

— Mas... a senhora não se chamava Giudita Liberata e era morena quando cantou há dez anos aqui em nossa cidade?...

— Sim, sim, mas... cuidado, por favor... fale baixinho... cá entre nós e que ninguém nos ouça... o novo nome e a água oxigenada têm favorecido outra vez minha sorte... foi a maneira que encontrei de poder voltar às mesmas cidades onde eu já havia cantado!...

Provavelmente teve notícia do seu exemplo.

Dono de espessos e ondulados cabelos pretos, o pianista Carlos Fontoura saiu de Porto Alegre até Manaus tocando para casas *vazias*... mas voltou de Manaus até Porto Alegre tocando para casas cheias...

É que no seu roteiro regressivo ele se *rebatizara* como Alexandre Orlowski... e era louro!

Os espectadores compareciam, pensando tratar-se do ídolo Alexandre Brailowski, só acessível às platéias cariocas e paulistas.

Mas logo no início do programa descobriam o logro em que tinham caído, vendo o Fontoura de óculos na ponta do nariz, música aberta na estante do piano, provocando sono com a sua interminável *Sonata* de Liszt demorando quase uma hora... tocada em câmara lenta, como um principiante.

ALUNOS DE CHOPIN

O dia do professor Chopin começava cedo, depois de uma taça de chocolate, ou caldo quente.

E às nove da manhã, os vizinhos já poderiam ouvir seus alunos exercitando escalas, estudos de Clementi, prelúdios e fugas de Bach, sonatas de Weber.

Talvez aqueles mais próximos até percebessem o *tic-tac* do metrônomo, como um sentinela inflexível do ritmo, "elemento básico de uma interpretação honesta" — dizia o mestre.

Só depois desse controle elementar era estudado o problema do "tempo rubatto" — segredo fundamental do estilo chopiniano — ondulando vagamente a melodia como um sopro de sonho e fantasia.

No fim, o que mais contava era a facilidade da execução, aliada à simplicidade do pensamento musical, a sinceridade emotiva, sonoridades cambiantes, imaginação poética.

— Não há verdadeira música sem a vibração íntima do intérprete — repetia sempre o professor.

Muitas vezes, dominado pelo cansaço ou violento acesso de tosse, era forçado a interromper a aula por alguns instantes para friccionar as têmporas com água de colônia e beber mistura açucarada com algumas gotas de ópio...

Mas, invariavelmente, atendia até às quatro da tarde a "fina flor" da aristocracia — condessa d'Apponyi, princesa de Souzzo, baronesa de Billing, condessa Esterhazy, princesa de Chimay, baronesa de Rothschild... que, nas suas limitadas pretensões amadoristas buscavam, talvez, menos o benefício de um aperfeiçoamento,

Labim/UFRN

do que o privilégio de uma convivência mais íntima na esfera espiritual do excelso artista.

Destacava-se a princesa Marcelina Czartoriska, pela musicalidade e admirável assimilação do estilo pessoal do mestre.

Tal um novo Hércules, impressionante pela força e imponência da estatura, dedicado e prestativo, Adolfo Guttman viera de Heidelberg aos quinze anos, e merecia predileção quase paternal.

Carlos Filtsch, pelo vigor do talento precoce excepcional, deixava perplexo e quase eclipsado todo aquele círculo.

Laura Duperré deslumbrava pela estonteante beleza, rivalizando com a condessa de Kalergis, um tanto afetada ao piano, os olhos lânguidos sempre à procura da inspiração no teto...

Maria de Rozières, complicada, um pouco intrigante, misteriosa em seus encontros fortuitos com Antonio Wodzinski, mas eficiente em sua função de assistente-repetidora.

A fama de Chopin havia se consolidado, e de vários países acorriam pianistas interessados em conhecer o seu método especial de técnica. Eles vinham da Inglaterra, Noruega, Alemanha, Suíça e mesmo da Rússia longínqua.

A jovem concertista Frederica Müller veio especialmente de Viena para corrigir a rigidez imprópria dos pulsos e conseqüente aspereza da sonoridade.

Chopin dedicou-lhe o dificílimo *Allegro de Concerto, op.* 46.

Entre os alunos franceses, George Mathias e *Madame* Dubois eram os mais aplicados, encarando o estudo com a ambição e seriedade do profissionalismo.

VARIAÇÕES NOVAS PARA VELHOS TEMAS (3)

Se por acaso inventassem um hipotético concurso para a avaliação póstuma de antigos títulos... *Madame* Mauté de Fleurville sairia vencedora, apresentando três absolutamente imbatíveis: aluna de Fréderic Chopin, sogra do poeta Paul Verlaine, e professora de piano do menino Claude Debussy, que ela mesma tomou a iniciativa de matricular no Conservatório de Paris... aos dez anos de idade.

No século XVI, enquanto o célebre Vincenzo Galilei encantava os habitantes de Florença tocando alaúde, seu filho — o não menos famoso astrônomo Galileu — sondava o mistério das estrelas através de sua preciosa luneta.

Entre os literatos é bem famoso o *Amor de Perdição*, romance do escritor português Camilo Castelo Branco.

Mas, entre os músicos, bem poucos sabem da existência do *Amor de Perdição*, ópera — encenada em 1907.

Provavelmente não teve repercussão por não ser o autor propriamente um total compositor...

Doutor pela Universidade de Coimbra, a música não era bem o forte do deputado João Marcelino Arroio, que estaria mais à vontade (com certeza) sentado entre os seus pares no Parlamento Português, dando apartes ou aprovando projetos de lei...

Nome hoje apagado da memória musical — Júlia Candeille — brilhou intensamente no passado, cantando óperas de Glück.

Labim/UFRN

Mas, apesar de ser a prima-dona favorita de Luís XVIII, morreu pobre, velha e esquecida.

Henri Catherine Camile, conde de Ruolz-Montchal, talentoso e rico de nascença, passou a juventude divertindo-se em compor óperas, aliás, encenadas nos teatros de Paris com relativo sucesso, até o dia em que percebeu sua arca esvaziando assustadoramente.

Mais que depressa apelou para o seu segundo talento, de químico(!), passando a *compor*, em vez de música, uma fórmula destinada a dourar e pratear metais, invenção que tornou mais célebre o nome do inventor que o do compositor e que, certamente, permitiu suprir outra vez a arca do conde talentoso e rico de nascença.

Não há notícia porém, se ao ver sua arca restaurada lhe teria reacendido a chama da inspiração sonora, fazendo-o voltar ao seu divertimento predileto da juventude...

Giuseppe Verdi — aos 25 anos já tinha composto as três óperas que viriam a ser as mais famosas: *Traviata — Rigoletto — Trovador.*

Além de músico, foi deputado eleito e... senador nomeado pelo rei Vitório Emanuel.

Aos oitenta anos escreveu sua última ópera — *Falstaff.*

Não só a dinastia dos Bach tem fama no reino da Música. Também a dos Cramer — alemães radicados em Londres, onde um deles, o mais célebre — João Batista — autor de belos *estudos* para piano, fundou uma editora musical em 1824 — a J.B. Cramer & Co. Ltd. London.

Na década de 30, o paulista João de Souza Lima — aluno dileto da grande *Madame* Long, 1º Prêmio do Conservatório de Paris, detentor de medalhas e comendas de emirados árabes coloniais — era chamado "príncipe dos pianistas brasileiros", trono que ele preferiu abdicar em favor de um reino mais amplo, abrangendo as searas da regência, magistério e composição.

A *Polonaise op.* 53, em lá bemol maior, parece o exemplo mais convincente do legendário patriotismo chopiniano, tanto que se tornou a mais famosa, chamada *Grande Polonaise Heróica.*

Contam que interpretando certa vez esta *Polonaise* diante de um círculo íntimo de amigos, ter-se-ia Chopin interrompido bruscamente, assustado pela visão de fantasmas guerreiros invadindo a sala, cercando o piano, como se ali tivessem comparecido atendendo ao apelo irresistível de seus acordes triunfais.

A famosa sonata "ao luar" de Beethoven — foi assim denominada pelo crítico Rellstab, dizendo que a música lhe sugeria um passeio no lago suíço de Lucerna, em noite de lua.

O autor, no entanto, a chamava sonata "do caramanchão".

E assim, a fantasia pode levar a supor que as notas do belo "adágio" da sonata lhe teriam cantado na imaginação quando, num de seus raros momentos de felicidade esteve, talvez, à sombra do caramanchão de um jardim, ao lado de Giulieta Giucciardi — a "bem-amada imortal" — a quem dedicou sua música *enluarada.*

Labim/UFRN

EM VEZ DE GUILHOTINA... O PANTHÉON

São imprevisíveis as teias que o Destino resolve tecer para cada habitante deste belo planeta.

No ano de 1792 um de seus *tecelões* misteriosos escalou o engenheiro militar Rouget de Lisle para lhe soprar ao ouvido palavras e notas de uma bela canção.

Em guerra com a Áustria, os voluntários da França partiram animados, cantando a bela canção patriótica do engenheiro, músico e poeta:

"Allons enfants de la patrie..."

Uma livraria de Estrasburgo editou a canção, que se chamou — "Canto de guerra para o exército do Reno" — dedicado ao marechal Lukner.

Tempos depois o título foi substituído por outro mais curto e simples, que logo alcançou consagração universal — "A Marselhesa".

Fiel ao rei Luís XVI, e afirmando não ter sido sua intenção compor um hino republicano, Rouget de Lisle teve que enfrentar a perseguição implacável do Terror, mas conseguiu livrar-se da guilhotina, escapando do calabouço após a morte de Robespierre.

Passou então a viver no ostracismo, compondo canções e escrevendo romances, até o dia em que os Bourbon voltaram à cena, restaurando a monarquia.

O rei Luís Felipe concedeu-lhe uma pensão que amenizou o fim de seus dias, em 1836, aos 76 anos de idade.

Quase um século depois — 1915 — seus restos mortais foram trasladados para o Panthéon — honraria só merecida pelos raríssimos grandes homens da França.

E até hoje, mesmo para quem não é francês, "A Marselhesa", de Rouget de Lisle, atinge a sensibilidade de todos que reconhecem a beleza da glória, do heroísmo, ou... de uma inspirada melodia.

Labim/UFRN

ANTIGO SARAU

Eis como um cronista parisiense descreve o auditório de um concerto realizado por Chopin, nos salões de Pleyel, no dia 21 de fevereiro de 1842:

" ... uma festa animada de adoráveis sorrisos, de semblantes ternos e formosos, mãos delicadas e sensíveis. Uma festa magnífica, onde a simplicidade aliava-se à graça e elegância, onde o bom gosto servia de pedestal à riqueza. As fitas douradas, os véus transparentes do mais tenro azul, os colares de pérolas reluzentes, as rosas, as rendas, enfim as cores mais belas e alegres, combinavam-se de todas as maneiras sobre as cabeças perfumadas e ombros prateados das mais encantadoras mulheres que os salões principescos reclamam a presença."

E acrescenta o comentarista:

"O primeiro sucesso do sarau foi *madame* George Sand. Desde que fez sua aparição na sala, todos os olhares convergiram para ela. Outras teriam ficado abaladas por todos estes olhos apontados como estrelas. Mas George Sand contentava-se em inclinar a cabeça e sorrir..."

Com a *Terceira Balada*, em lá bemol maior, Chopin deu início ao programa desta noite memorável em sua vida de artista.

E quando, por uma singular coincidência (que ele dias depois veio a saber) morria em Varsóvia o velho e querido Adalberto Zywny — professor que lhe ensinara na infância as primeiras aulas de piano, desde os seis anos de idade.

O TITÃ SURDO

"Tomei a resolução de me colocar acima de meu infortúnio..."

"Hei de estrangular o meu Destino e vitória completa sobre mim ele não conseguirá. É tão bela a vida. Digna de ser mil vezes vivida."

"Só o amor! Só este... pode nos dar uma vida mais feliz..."

São do próprio Beethoven estas palavras.

E parecem definir o complexo de emoções que ele traduzia através de sua expressão sonora.

Contava 33 anos quando compôs a sonata *Appassionata*, momento em que as fúrias do Destino se abatem, inexoráveis, sobre o mestre genial. Paralela à plenitude física e intelectual, caminha progressiva e sorrateira a surdez inevitável.

"Posso dizer que minha vida é uma grande miséria" — escreve a um amigo. — "Há quase dois anos evito o contato com o mundo, porque com ele já não posso me comunicar. Resignação! Triste refúgio, e é só o que me resta."

Fugindo de Viena, do convívio da sociedade que só lhe causava aborrecimento, Beethoven procurava a paz no isolamento do campo e contemplação da Natureza.

Contam que num de seus habituais passeios foi surpreendido por violenta tempestade que o impediu de regressar à cidade. Encontrando à beira do caminho a casa humilde de simples campônios, pediu-lhes pousada para aquela noite.

Com o gibão desbotado pelo uso, a fisionomia taciturna, o olhar profundo e triste, permanecia a um canto da sala, após a ceia, sem despertar maior atenção à curiosidade daquela gente boa e amável.

Labim/UFRN

Num velho piano alguém começou a tocar. Uma jovem camponesa cantava. Um vizinho juntou-se ao grupo com o seu violoncelo.

Esquecido na semi-obscuridade da lâmpada de azeite, Beethoven acompanhava as fisionomias emocionadas dos que tinham o privilégio de ouvir aquele trio improvisado...

Levantou-se, e era tal a tristeza que irradiava do seu semblante, que os presentes por um momento prestaram atenção ao forasteiro.

Junto ao piano, com a partitura na mão, ele pôde apenas pronunciar:

— Minha música...

GRAFICENTRO
Rua Tiradentes, 392 — Fone: (091) 241-2237
Caixa Postal 1.804 — Telex: 2852 — Fax: 241-3184
CEP 66053-260 — Belém — Pará

Labim/UFRN

OFERTA
DO
Instituto Histórico e
Geográfico
do Rio Grande do Norte

Limite", apresentado no Rio e São Paulo, foi perfeito respondendo a todas as perguntas sobre um dos maiores luminares da ala de sua admiração: Chopin. E não é para menos. Profissional dedicado desde os 12 anos, quando diplomou-se no Instituto de Música do Rio Grande do Norte, Oriano de Almeida traz na bagagem feitos mais admiráveis: prêmio no IV Concurso Internacional em Varsóvia, e gravação da obra completa de Chopin para a discoteca e programas da Rádio Ministério da Educação e Cultura do Rio de Janeiro, além de autor de várias canções e peças para piano – das quais nada menos que quarenta foram gravadas no Rio para o Projeto Memória da UFRN. Mas decerto é no Rio de Janeiro e São Paulo onde Oriano de Almeida tem sentido a emoção de ser um dos grandes pianistas do nosso tempo. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Oriano recebeu medalha do instituto homônimo de São Paulo.

Prestigiado, a Câmara Municipal de Natal o elegeu cidadão natalense e foi-lhe entregue a comenda da Ordem dos Cavaleiros da Concórdia (São Paulo) e medalha Alberto Maranhão (Conselho Estadual de Cultura, RN).

Foi recentemente eleito membro da Academia Norte-Riograndense de Letras, sucedendo ao folclorista e escritor Câmara Cascudo.

Labim/UFRN

Um inesquecível passeio no mundo da música clássica. O livro reúne *scripts* de programas comentados e interpretados pelo autor para a Rádio MEC, nas décadas de 60 a 80, o que ocupou um espaço de 20 anos. Composto à base de comentários curiosos sobre a vida dos maiores expoentes do gênero, *Um Pianista Fala de Música* contém análises breves, mas deliciosas, sobre composições, fatos ora ternos, ora trágicos que ficaram na história. Oriano de Almeida conquistará o leitor amante da arte pela simplicidade com que narra e pelo inequívoco conhecimento que domina.

editora cejup